

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS

Mestrado em Educação

EDUCAÇÃO, (IN) DIFERENÇA E (DES) IGUALDADE:

Um olhar sobre a questão racial no cotidiano escolar

ANTONIO CLÁUDIO VIANA DA SILVA

Santos

2009

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS

Mestrado em Educação

EDUCAÇÃO, (IN) DIFERENÇA E (DES) IGUALDADE:

Um olhar sobre a questão racial no cotidiano escolar

ANTONIO CLÁUDIO VIANA DA SILVA

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Educação da Universidade Católica de Santos, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de concentração: Educação e Formação

Orientadora: Prof^a Dr^a Nereide Saviani

Santos

2009

Dados Internacionais de catalogação

Sistema de Bibliotecas da Universidade Católica de Santos – UNISANTOS

Sibiu

S 556e

Silva, Antonio Cláudio Viana da

EDUCAÇÃO: (IN)DIFERENÇA E (DES)IGUALDADE: um olhar sobre a questão racial no cotidiano escolar / Antonio Cláudio Viana da Silva – Santos [s.n] 2009.

115 F.: 30 cm. (Dissertação de Mestrado – Universidade Católica de Santos, Programa em Educação)

- I. Silva, Antonio Cláudio Viana da. II. EDUCAÇÃO: (IN)DIFERENÇA E (DES)IGUALDADE: um olhar sobre a questão racial no cotidiano escolar.

CDU 37(043.3)

Pesquisa financiada pelo Programabolsa – Fundação Ford / Fundação Carlos Chagas

Banca Examinadora

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total e parcial desta dissertação por processos fotocopiadores ou eletrônicos.

Santos, de de 2009

Assinatura

Dedicatória:

- **A meus Avôs: Jonas Viana (*In Memoriam*) e Manoel José da Silva (*In Memoriam*)**
- **E a minha Mãe Marinalva Viana da Silva (*In Memoriam*)**

**Falsificaram os livros de história
trocaram os heróis
botaram máscara de carnaval
nos fatos, botaram fogo nos documentos do tráfico e do crime
e então ficamos sendo os que não vieram,
ficamos sendo só os que não são,
ficamos sendo só os que estão.
Ficamos sendo estas ruínas
Em auto-reconstrução.**

Oliveira da Silveira

Agradecimentos

- **Ao pai, Antonio Manoel da Silva; meu irmão, Ely Viana da Silva; meus filhos, Jean B. Viana da Silva & Danilo B. dos Santos Silva.**
- **À Grande Família da B. F.**
- **À Ames, Novamerica, Família Educafro, ao Centro de Estudos das Américas – Universidade Cândido Mendes.**
- **Dona Áurea (*in memoriam*), Dona Roselita, Dona Miriam, Dona Maria Dalva, Seu Francisco, Seu Joaquim, Seu Carlos.**
- **À Prof.^a Dr.^a Nereide Saviani, do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade Católica de Santos, pela orientação desta dissertação.**
- **Às contribuições da Prof.^a Dr.^a Ângela Maria Martins e do Prof.^o Dr. Dennis de Oliveira, através das sugestões e críticas do material elaborado para fase de qualificação.**
- **À Amélia Cristina e Ana Cristina pela ajuda na realização do grupo focal.**
- **A todos professores e mestres que tive, incluindo o corpo docente da Universidade Católica de Santos.**
- **À Ana Lúcia, secretária do Mestrado em Educação.**
- **À Fundação Ford / Fundação Carlos Chagas**
- **Aos meus Antepassados.**

RESUMO

SILVA, Antonio Cláudio Viana da. **Educação, (in) diferença e (des) igualdade: um olhar sobre a questão racial no cotidiano escolar**. Santos: Universidade Católica de Santos, 2009 [Dissertação de Mestrado].

O presente trabalho tem por questão central: como estudantes de ensino médio de escola pública identificam o preconceito, a discriminação e o racismo no cotidiano escolar? São seus objetivos: 1) identificar os aspectos mais recorrentes na relação entre escola, currículo e diversidade cultural; 2) explicitar as possíveis articulações entre diversidade cultural e as concepções de identidade racial que a escola reforça ou não no processo pedagógico. A metodologia, de abordagem qualitativa, consiste em análise de opiniões emitidas em questionário e em grupo focal, envolvendo estudantes de duas turmas de terceiro ano de ensino médio de uma escola estadual do município de Santos-SP. A discussão é feita à luz de contribuições teóricas, em perspectiva crítica, sobre preconceito, discriminação e racismo, diversidade cultural, formação de identidades e organização do currículo. O exame das falas dos sujeitos apresenta indícios de que as questões étnico-raciais não são trabalhadas sistematicamente nos componentes curriculares do terceiro ano do Ensino Médio na escola pesquisada, não obstante ser de conhecimento de alguns educadores a existência da legislação federal que torna obrigatório o ensino da História da África e da Cultura Afro-brasileira na Educação Básica (Lei nº 10.639/2003, modificada pela Lei 11.645/2008). Os estudantes, por sua vez, manifestam posições contraditórias acerca desse tratamento, revelando compreensões mais afeitas ao senso comum, não raro estereotipadas e até preconceituosas. A conclusão a que se chega é que, se a mera obrigatoriedade não garante que o assunto seja tratado, por outro lado a sua existência pode provocar reflexões importantes, requerendo, para isso, melhor preparo dos docentes quanto a questões científicas, éticas, culturais e políticas que a temática envolve. A pesquisa, financiada pelo Programabolsa – Fundação Ford / Fundação Carlos Chagas, vincula-se ao Projeto *Currículo e Avaliação em Instituições Educacionais da Baixada Santista*, coordenado pela Professora Doutora Nereide Saviani.

Palavras-chave: Preconceito Racial; Cotidiano Escolar; Currículo e Diversidade.

ABSTRACT

SILVA, Antonio Cláudio Viana da **Education, (in) difference and (in) equality: a look at the racial issue in the daily school**. Santos: Universidades Católicas de Santos, 2009 [Master's Dissertation].

The following paperwork has as its main issue: how do students from public high schools identify bias, discrimination and racism in the daily school? Their objectives are: 1) identify most recurring aspects among school, curriculum and cultural diversity; 2) clarify the possible links between cultural diversity and conceptions of racial identity that reinforce or not the school during the teaching process. The methodology of qualitative approach, is to review opinions issued in questionnaires and in focus groups, involving students from two classes of third year of high school from a state school in the municipality of Santos-SP. The discussion is made on the basis of theoretical contributions in critical perspective on prejudice, discrimination and racism, cultural diversity, identity formation and organization of the curriculum. The examination of the subject lines of evidence shows that the ethnic-racial issues are not worked systematically in the curriculum components of the third year of high school in the school searched, despite being aware of the existence by some educators, the existence of federal law that makes compulsory the teaching of history in Africa and Afro-Brazilian Culture in Basic Education (Law No. 10.639/2003, as amended by Law 11.645/2008). The students, in turn, express contradictory views about this treatment, showing closer understanding to common sense, often stereotyped and even prejudiced. The conclusion we reach is that if the topic isn't treated as it should, at least, on the other hand, its existence may cause important reflections, requiring, therefore, better preparation of teachers in scientific, ethical, and cultural matters and policies that the issue involves. The research, funded by Programa bolsa – Ford Foundation / Carlos Chagas Foundation, commits itself to the Project *Currículo e Avaliação em Instituições Educacionais da Baixada Santista*, coordinated by Doctor Professor Nereide Saviani.

Key words: Racial Prejudice; School everyday ; Curriculum and Diversity

RELAÇÃO DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ANPEd – Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CECIP – Centro de Criação de Imagem Popular

CUT – Central Única dos Trabalhadores

EDUCAFRO – Educação e Cidadania de Afrodescendentes e Carentes

GT – Grupo de Trabalho

HTPC – Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

ONG – Organização Não Governamental

PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

PPP – Projeto Político Pedagógico

UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

UFF – Universidade Federal Fluminense

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO I – Preconceito, discriminação e racismo: apontamentos para discussão da questão racial no cotidiano escolar	27
CAPÍTULO II – Percepções de estudantes sobre a questão racial no cotidiano escolar.....	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	65
REFERÊNCIAS	71
ANEXOS	74
01. Dissertações e Teses sobre Educação e Preconceito Racial.....	75
02. Trabalhos apresentados no GT 21 (Afro-brasileiros e Educação) da ANPEd.....	81
03. Ficha de Caracterização da Unidade Escolar (Modelo).....	91
04. Questionário (Modelo).....	98
05. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Modelo).....	104
06. Transcrição do Grupo Focal.....	105

INTRODUÇÃO

Quando era garoto, toda vez que ouvia falar de cultura, ficava pensando que era coisa de gente rica. Afinal, determinadas coisas, ou melhor, determinados “produtos culturais” não estão disponíveis à maioria da nossa população. Isso de fato era algo que me incomodava. É claro que as questões de desigualdades sociais também me incomodavam, afinal, elas são bastante significativas, marcantes na nossa história. Mas a questão da cultura me tocava de maneira diferente porque além das dificuldades de acesso de ordem material, havia também as de ordem não-material.

Percebia isso quando ia trabalhar de ajudante nas casas de pessoas que tinham “muito dinheiro”. A “diferença” era tanta que não conseguia nem fazer uma comparação. Era tudo tão desigual que ficava difícil comparar. Essas pessoas tinham carros, conforto, se alimentavam com fartura, e também tinham acesso ao conhecimento: faziam faculdade, cursos de línguas, praticavam esportes, viajavam. Era outro mundo. Um mundo diferente que deixava bem nítida a marca da desigualdade. Isso me incomodou muito porque percebi que a maioria das pessoas simplesmente nunca vai alcançar essa outra realidade, desse outro mundo; e eu, com certeza, era uma delas. Quando tive acesso, em uma aula de relações humanas na 8ª série, às idéias de Karl Marx, fiquei mais incomodado ainda.

A partir desse contato com o ideário marxista, passei a perceber que a realidade podia ser diferente. No entanto, para que isso acontecesse, era necessária uma transformação das grandes, radical mesmo. Percebi que havia um número significativo de pessoas que compartilhavam essa esperança. Esperança crítica como diz Paulo Freire. Não havia vergonha em abraçar essa utopia e em trabalhar na sua construção permanente. Conheci alguns senhores que faziam parte de um grupo de estudo sobre sociedade (acho que eram professores universitários), e durante as conversas percebia a preocupação com as questões culturais. Os encontros aconteciam na sede central da CUT- Central Única dos Trabalhadores. Nessa época estava no 2º grau e atuava no grêmio estudantil do colégio, e no movimento estudantil em Duque de Caxias – município da Baixada Fluminense – no Rio de Janeiro.

Também tive a oportunidade de conhecer algumas pessoas que militavam no movimento negro e faziam críticas em relação ao racismo presente em nossa sociedade. Uma dessas pessoas, Seu Pedro, falava da importância da informação, da leitura sobre o assunto. Indicou-me um livro de Joel Rufino dos Santos, O que é Racismo (SANTOS, 1988). A leitura desse livro foi importante porque passei a ter outro olhar em relação ao problema. Percebi que, de fato, as pessoas que tinham muito dinheiro, pelo menos as referidas no início, todas eram brancas. Outra percepção que tive, com mais precisão, foi que havia sido vítima do preconceito e da discriminação raciais inúmeras vezes, sobretudo na escola – durante um bom tempo o meu apelido na escola foi urso do cabelo duro –, e também em outras situações, como quando fui abordado dentro de uma loja e levado para o depósito junto com outros dois jovens negros, apanhamos pelo simples fato de estarmos dentro da loja, e pelo fato do racismo ter uma presença bem violenta entre nós.

Concluído o 2º grau, eu e alguns amigos montamos um pré-vestibular comunitário. Nele, além de alunos, também éramos coordenadores, e foi uma boa oportunidade para tomarmos grandes sustos: quando não obtivemos apoio dos nossos professores do colégio e quando tivemos acesso aos programas de provas das instituições públicas estaduais e federais. Percebemos que a maioria dos professores não acreditava em nós, percebemos como não havíamos tido contato com uma parte bastante expressiva da cultura, que deveria ser uma herança para as gerações que vão se sucedendo. Mas apesar de tudo isso, conseguimos, já no 1º ano, alguns resultados positivos. Eu, por exemplo, fui aprovado no vestibular de 1994 para o curso de Filosofia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Outros conseguiram vagas em instituições federais: UFF – Universidade Federal Fluminense e UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Durante o curso de Filosofia praticamente não houve nenhuma discussão sobre o tema relacionado ao estudo que pretendo desenvolver. O contato de forma mais forte com a temática que estou pesquisando no mestrado – a questão do preconceito étnico-racial e a percepção de alunos do terceiro ano do ensino médio de escola pública – se deu num curso que fiz em 2003: Especialização em Direitos Humanos. A partir desse curso tive acesso a uma série de informações que além de ampliar o meu interesse pela temática, contribuíram para aperfeiçoar o meu olhar sobre o racismo e as questões relacionadas a ele. Fiz estágio em uma ONG (Organização Não Governamental) chamada Novamerica, que trabalha com educação em direitos humanos. Nesse estágio tive contato com a literatura sobre multiculturalismo e interculturalismo.

Outro fator que contribuiu de forma bastante significativa na minha aproximação com a temática foi atuar como professor e coordenador de núcleos de pré-vestibulares

comunitários (Rede Educafro¹). Esta atuação me aproximou de uma realidade em que questões relacionadas ao preconceito, à discriminação e ao racismo eram debatidas, mas sempre permeadas de muita polêmica em função de certa visão ainda muito influenciada pelo mito da democracia racial. Havia uma grande preocupação no sentido de fazer com que os alunos do núcleo conseguissem o ingresso no ensino superior e, ao mesmo tempo, um descuido na discussão referente à cidadania dos afrodescendentes.

Sentia necessidade de trazer para a discussão um questionamento acerca do mito da democracia racial e da ideologia de embranquecimento. A idéia de democracia racial que permeou o imaginário social brasileiro acerca da existência de uma relação harmônica entre os grupos humanos que compõem o contingente populacional brasileiro ainda está bem presente entre nós. A crença em uma democracia racial reforçou no senso comum o mito de uma sociedade não-preconceituosa, que não se reconhece como racista.

Segundo Moura (1994, p. 160), o racismo brasileiro na sua estratégia e nas suas táticas age sem demonstrar a sua rigidez, não aparece à luz, é ambíguo, meloso, pegajoso mas altamente eficiente nos seus objetivos.

Outro aspecto importante ressaltado por Moura diz respeito ao branqueamento e à identidade étnica:

Os segmentos não-brancos através de um processo alienador interiorizaram os valores brancos da classe dominante que os colocaram como sendo inferiores, num trabalho subliminar cujo resultado foi

¹ “A Educafro (Educação e Cidadania de Afrodescendentes e Carentes) é uma rede de cursinhos pré-vestibulares comunitários, mantida pelo Serviço Franciscano de Solidariedade, uma associação da sociedade civil sem fins lucrativos [que] luta para que a população pobre e negra, em especial, possa ser incluída nas universidades públicas e privadas – com bolsa de estudos integral. A ONG atua com a ajuda de voluntários que têm como objetivo incluir essa população em estatísticas onde ainda são ignorados: a de integrantes de instituições de nível superior”. Maiores informações podem ser obtidas em: <http://www.vestibular.brasilecola.com/cursinhos-comunitarios/educafro.htm>

conseguir que essas populações queiram fugir do seu ser, da sua concretude étnica, refugiando-se numa identidade simbólica e deformada. O negro é considerado cidadão com os mesmos direitos e deveres. No entanto, o que aconteceu desmente esse mito. Trazido como escravo, tiraram-lhe de forma definitiva a territorialidade, frustraram completamente a sua personalidade, fizeram-no falar outra língua, esquecer suas linhagens, sua família foi fragmentada e/ou dissolvida, os rituais religiosos e iniciáticos tribais se desarticularam, o seu sistema de parentesco completamente impedido de ser exercido, e, com isso, fizeram-no perder total ou parcialmente, mas de qualquer forma significativamente, sua ancestralidade (MOURA, 1994, pp 157-159).

Reflexões como essas despertaram-me o desejo de estudar aspectos históricos, culturais, políticos e teóricos das complexas relações sociais nas quais o preconceito, a discriminação e o racismo são dissimulados e reforçados, até mesmo em situações em que se busca sua superação.

O ingresso no Mestrado em Educação abriu-me a possibilidade de investigar como tais aspectos e relações incidem sobre a escola, seus sujeitos e suas práticas.

Delimitando o problema

O tema da pesquisa é o preconceito racial na escola. A questão central é: como estudantes do terceiro ano do ensino médio de escola pública (em Santos) vêem o preconceito contra os afro-brasileiros?

Desvelar processos de construção, difusão e perpetuação de relações sociais marcadas pela problemática da naturalização do preconceito e da discriminação nas relações sociais se trata de grande desafio. Os processos educacionais têm papel importante neste jogo e, dependendo do projeto político pedagógico e da construção do currículo, pode, inclusive, favorecer a manutenção de estruturas sociais onde hierarquizações e desigualdades se fortalecem e se reproduzem.

Certamente que abordar a questão do preconceito e da discriminação racial no âmbito educacional, assim como no social em sentido amplo, não é tarefa simples. Considerações sobre a questão, ancoradas no senso comum, em geral, não reconhecem a presença do racismo entre “nós” e, quando se admite esta realidade, de modo recorrente é atribuído aos “outros” o papel de discriminador e preconceituoso. Poucas pessoas se percebem e se consideram agentes de atitudes e comportamentos discriminatórios e racistas. Também é bastante difundida a idéia de que é melhor não problematizar o tema para não estimular o racismo. Silenciar-se e manter o tema “velado” é uma estratégia recorrente.

A instituição escolar é um espaço especialmente significativo para o desenvolvimento de mentalidades, saberes, valores e práticas sociais, orientados à superação das diferentes formas de preconceitos e discriminações. Por outro lado, é necessário um compromisso político e intelectual que dê orientação e sentido a esse processo.

São objetivos da pesquisa: 1) Identificar aspectos recorrentes na relação entre escola, diversidade cultural, currículo e atendimento à lei 11.645/2008; 2) Explicitar possíveis tensões entre diversidade cultural e concepções de identidade racial que a escola reforça ou não no processo pedagógico.

Procedimentos de Pesquisa

Foram definidos os seguintes procedimentos: 1) Revisão da literatura sobre o tema, incluindo-se o exame das orientações do MEC (Ministério da Educação) para o tratamento

de temas da cultura afro brasileira no currículo da Educação Básica, em especial para seu trabalho no ensino médio; 2) Definição do campo de investigação e procedimentos de coleta de depoimentos.

Revisão da Literatura

Fiz um levantamento da produção acadêmica sobre o tema da pesquisa nas seguintes fontes: A) Banco de Teses da CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (www.capes.gov.br), utilizando os seguintes descritores: Educação e Preconceito racial; Ensino médio e Preconceito Racial; Ensino médio e Relações Raciais (Anexo 1); B) Grupo de Trabalho *Afro-brasileiros e Educação* (GT 21) da Anped – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – quanto aos trabalhos referentes ao período de 2002 a 2007 (25^a à 30^a Reuniões Anuais), disponíveis *on line*, na página da entidade (www.anped.org.br); C) Livros, artigos, documentos oficiais e outros trabalhos que tratam da temática.

No Banco de Teses da Capes, a busca pelo descritor **Educação e Preconceito Racial** resultou em 33 dissertações e 6 teses. Tratando especificamente de **Ensino Médio** foram encontrados 06 trabalhos – 04 dissertações e 02 teses, distribuídas em: **Ensino Médio e Preconceito Racial**, 02 dissertações e 01 tese; **Ensino Médio e Relações Raciais**, 02 dissertações e 01 tese. Desse levantamento, destaquei as produções que, considerados o título e o resumo, mais se aproximam da temática definida para meu estudo e as referências encontram-se no Anexo 01.

Quanto ao GT 21 da Anped, foram encontrados 67 trabalhos. Registra-se uma grande variedade temática: multiculturalismo, negro e educação, trajetória escolar, professor - prática docente, ensino superior, pré-vestibulares, preconceito racial e cotidiano escolar, ações afirmativas, identidade, memória, identidade, cultura e currículo, educação e religião de matriz africana, jovens, racismo e mídia, movimento negro e política educacional, lei 10.639/2003. Percebe-se, no entanto, pouco tratamento referente ao ensino médio e sobre a percepção dos alunos desse nível de ensino em relação ao racismo, à discriminação e ao preconceito. Utilizando palavras chaves como preconceito racial, ensino médio, relações raciais, currículo, destaquei, dessa produção, os trabalhos relacionados no Anexo 02.

Diversos estudos feitos a partir das bases de dados oficiais – PNUD, IPEA, PNAD² – não deixam margem de dúvida em relação ao fato de que no Brasil o critério étnico-racial serve como um elemento determinante dos processos de estratificação e exclusão social. De acordo com estudo recente do IPEA (2008, p. 12),

ao analisar a razão entre as rendas médias de negros e brancos com base em dados das PNADs entre 1982 e 2006, aponta que no período 2001-2006, ocorreu uma redução das desigualdades raciais - 0,04 ao ano – em decorrência de políticas públicas universais. Porém, o mesmo relatório nota que o ritmo lento de queda que, se se mantiver inalterado, exigiria 32 anos para que “brancos e negros tivessem a mesma renda”.

A herança de um processo de abolição da escravatura que manteve o regime de propriedade concentrado nas mãos de poucos, a negação dos mínimos direitos econômicos, sociais e culturais; mais a permanência ao longo do século XX de diversas práticas

² PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento; IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios.

discriminatórias no aparato repressivo, no judiciário, em diversas instituições estatais e civis – empresas, agências de emprego, escolas, etc. – contribuíram de forma bastante considerável para o tolhimento efetivo dos processos de mobilidade física e social dos afro-descendentes.

As pesquisas comprovam que a intensa miscigenação racial e cultural brasileira não está devidamente representada nos diversos setores da sociedade, sobretudo, nos postos de comando, nos meios acadêmicos, nos primeiros escalões da política e nem na composição das camadas médias.

No caso da população negra, mesmo quando consegue algum tipo de ascensão social, não deixa de viver situações de racismo e de ser vista com desconfiança, ou como um incômodo. As práticas de racismo fazem parte da vida dos brasileiros, sendo socialmente aceitas e confirmadas.

São os negros (pretos e pardos) os que formam a maioria da população privada do acesso aos serviços públicos e aos empregos de melhor qualidade, os que sofrem com mais intensidade o drama da pobreza e indigência, e a violência urbana, doméstica e policial. O racismo tal como é praticado no Brasil, tende a considerar tais aspectos de realidade normais, desde que envolvam a população afro-descendente.

De acordo com Silva (2006, pp. 168-169):

A nossa formação, como pessoas e cidadãos, dá-se numa sociedade que se considera essencialmente descendente de europeus e periféricamente de índios, negros e de outros grupos étnicos. E vê como modelo do humano, o macho adulto, de pele branca, cristão, rico. Nesse quadro, como se podem encaixar os descendentes de africanos, em sua maioria de pele negra, analfabetos, professando religião afro-brasileira³, e muito pobres.

³ Candomblé, batuque, macumba, tambor de minas, vudu, umbanda, etc.

A constatação de desigualdades raciais e a tentativa de sua compreensão contam com vários trabalhos importantes como os de Florestan Fernandes⁴. Este autor constatou uma profunda desigualdade entre os segmentos branco e negro da população. No entanto, segundo Rosemberg (1998), Florestan Fernandes e outros autores assumiam uma perspectiva otimista, pois consideravam que a discriminação racial tenderia a desaparecer com o desenvolvimento da industrialização⁵.

Para a autora, tal posição:

influenciou marcadamente o pensamento educacional brasileiro que, ao reconhecer a concentração maciça do alunado negro nas camadas mais pobres da população, tende a identificar as dificuldades interpostas à escolarização da população negra com os problemas enfrentados pela pobreza, não considerando a especificidade do pertencimento racial. (ROSENBERG, 1998, p. 74).

Segundo TELLES (2003, p.76), ao contrário de Fernandes, Carlos Hasenbalg concluiu que o racismo era compatível com o desenvolvimento do capitalismo no Brasil. Para esse autor, a dominação racial e o status inferior dos negros persistiriam, porque o racismo passou a ter um novo sentido desde a abolição e continuaria a servir aos interesses da classe dominante.

⁴ A título de exemplo, consultar: *O Preconceito racial em São Paulo (projeto de estudo)*. Em: **Branços e Negros em São Paulo**. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1959. Texto assinado por Florestan Fernandes e Roger Bastide, em cuja nota de rodapé, inicial, se lê: “Trabalho elaborado e redigido, inicialmente, por Florestan Fernandes. Lido e discutido por Roger Bastide, foi editado, em colaboração, sob o título acima, como publicação número 118 do Instituto de Administração da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas da Universidade de São Paulo (Abril de 1951)”.

⁵ Tratar-se-ia de um viés do determinismo econômico, segundo o qual as mudanças na base material da sociedade provocam direta e imediatamente mudanças na superestrutura e nas relações sociais em geral. Uma visão que talvez se observe nos trabalhos iniciais de Florestan Fernandes, não nos posteriores. Sobre as fases de produção desse autor, ver, entre outros, a tese de doutorado de Adriana J. Ferreira Chaves, defendida na PUC-SP, em 1997, sob o título: **Florestan Fernandes: um sociólogo pensando a Educação - Idéias Educacionais de Florestan Fernandes - décadas 40-60**. (CHAVES, 1997)

É possível observar, com intensidades diferenciadas, mas com certa clareza, a passagem de uma postura de defesa da democracia racial para posições de reconhecimento do racismo e ações voltadas para a promoção da igualdade racial. Mudança com esse teor ocorreu no governo Fernando Henrique Cardoso (1995-1998 e 1999-2002, em primeiro e segundo mandatos, respectivamente), quando o Estado passou a reconhecer, pela primeira vez na história, a existência do racismo no Brasil. Ainda que limitado ao estabelecimento de políticas afirmativas, no plano legal, tal reconhecimento não deixa de se constituir em avanço. Obviamente, isto se deu por força da pressão do movimento social organizado, em especial o movimento negro. E não chegou a representar o reconhecimento da existência de um racismo estrutural⁶. Mas o IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) – órgão do Ministério do Planejamento – começou a produzir regularmente indicadores desagregados por raça, demonstrando ao país e ao mundo a dimensão do problema.

O governo Lula (Luís Inácio Lula da Silva – 2003-2006 em primeiro mandato e, a partir de 2007, em segundo mandato) prosseguiu e aprofundou esses avanços. Criou a Secretaria Especial de Políticas para a Promoção da Igualdade Racial. Nomeou ministros negros para o poder Executivo e indicou o primeiro ministro negro para o Supremo Tribunal Federal – o jurista Joaquim Barbosa Gomes.

⁶ Segundo Edson Lopes Cardoso (2006) “o ‘racismo estrutural’ compreende as formas de racismo e discriminação racial institucionalizadas, intrínsecas ao funcionamento das instituições sociais e econômicas”. Ou, nos dizeres do senegalês Doudou Diène, relator especial das Nações Unidas sobre formas contemporâneas de racismo e discriminação racial (citado por Cardoso): “toda a sociedade está organizada a partir de uma perspectiva racista: os negros são excluídos de todos os setores da sociedade e confinados aos trabalhos difíceis, com baixos salários, e seus direitos básicos, incluindo o direito à vida, sendo violados” (<http://www.irohin.org.br/imp/n15/07.htm>). Trata-se de um fenômeno intrínseco à estrutura socioeconômica brasileira: “fruto do projeto das classes dominantes desde a escravidão, é um racismo estrutural que preserva ampla predominância de negros nas camadas mais pobres e oprimidas da população (ou seja, mesmo com a miscigenação, o capitalismo brasileiro manteve e realimentou o recorte racista da nossa estrutura de classes)” (<http://www.vermelho.org.br/pcdob/documentos/notacc40.htm>). Sobre este tema ver ainda, entre outros: *Racismo estrutural - Apontamentos para uma discussão conceitual* (Oliveira, 2001). Disponível em: http://www.movimientos.org/dhplural/foro-racismo/noticias/show_text.php3?key=96.

No que concerne à educação, há uma indagação do movimento negro quanto à implementação de uma educação anti-racista. Há, na educação, uma tensão entre configurar-se como um direito social para todos e, ao mesmo tempo, respeitar e reconhecer as diferenças.

De acordo com Gomes (2007, p.103):

A luta pela inserção do direito da população negra à educação, após a Conferência de Durban, na África do sul, no ano de 2001⁷, ganha espaço na esfera jurídica e passa a explorar a sua capacidade de induzir iniciativas concretas na política educacional e nas práticas escolares. Um dos resultados dessa nova postura política é a aprovação da **lei 10.639**⁸, sancionada pelo presidente da república, Luiz Inácio Lula da Silva em **09 de janeiro de 2003**, que torna obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio das escolas públicas e privadas da Educação básica.

No movimento social organizado, registra-se o crescimento do movimento negro, em variedade de tendências, de organização e de capacidade de articulação tanto interna como internacional. Há o reconhecimento do importante trabalho desenvolvido por entidades como Geledés, Criola, Fala Preta, Ceert, Ceap, PVNC, para citar apenas algumas das mais conhecidas⁹. Além da Educafro, já referida anteriormente.

⁷ III Conferência Internacional contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e Formas Correlatas de Intolerância, promovida pela Organização das Nações Unidas (ONU), em Durban, África do Sul, de 31 de agosto a 07 de setembro de 2001.

⁸ Essa lei foi modificada pela Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008, que acrescenta a obrigatoriedade de inclusão da *cultura indígena* no currículo de Educação Básica – conforme tratarei mais adiante.

⁹ “Geledè (Instituto da Mulher Negra) é originalmente uma forma de sociedade secreta feminina de caráter religioso existente nas sociedades tradicionais yorubás. Expressa o poder feminino sobre a fertilidade da terra, a procriação e o bem estar da comunidade” (<http://www.geledes.org.br>). “**CRIOLA** é uma instituição da sociedade civil sem fins lucrativos, fundada em 2 de setembro de 1992. É conduzida por mulheres negras de diferentes formações, voltada para o trabalho com mulheres, adolescentes e meninas negras basicamente no Rio de Janeiro” (<http://www.criola.org.br/interno.htm>). “**Fala Preta!** Está vinculada às redes Nacional, Latinoamericana e Mundial de Direitos Reprodutivos, à Rede de Mulheres Afro-caribenhas e Afro-latinoamericanas. Além da área de saúde, participa e intervém no debate político em outros campos pertinentes para a população negra, tais como trabalho e educação” (<http://www.portalafr.com.br/entidades/falapreta.htm>). “O **CEERT** – Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades, fundado em 1990, é uma organização não-governamental, apartidária e sem fins lucrativos. A missão do CEERT é combinar produção de conhecimento com programas de treinamento e

Definição do campo de investigação e procedimentos de coleta de depoimentos

A definição por uma escola no município de Santos se deu por indicação de alguns colegas do Programa de Mestrado. A escola selecionada para a pesquisa goza de tradição na cidade, localiza-se na sua área central e atende a população de morros, bem como de cortiços localizados no centro antigo e adjacências do cais do Porto de Santos.

O primeiro contato com a diretora da escola foi bastante significativo. Desde logo deixou claro que desenvolve o seu trabalho com “pulso firme”, mas que, no entanto, sempre teve a preocupação de conhecer as pessoas do entorno da escola e ouvir as reivindicações da comunidade local, partilhando idéias e o “poder de mando”. Ela é diretora há mais de vinte anos. Durante os encontros que se seguiram, foi preenchida a Ficha de Caracterização da Escola, cujo modelo (Anexo 03) foi elaborado pelo Grupo de Pesquisa ao qual se vincula esta pesquisa.

O contato com os estudantes se deu em duas etapas. A primeira consistiu na aplicação de um questionário (cujo modelo se encontra no Anexo 04), abrangendo as duas turmas de terceiro ano do Ensino Médio e atingindo 40 (quarenta) questionários respondidos. Na etapa seguinte realizou-se um grupo focal, com a participação de 19 estudantes (09 do sexo masculino e 10 do feminino).

Todos os alunos que participaram da pesquisa receberam o *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido* (Anexo 05), que foi por eles assinado e, quando menores de 18 anos,

intervenção comprometidos com a igualdade de oportunidades e de tratamento e a superação do racismo, da discriminação racial e de todas as formas de discriminação e intolerância” (<http://www.ceert.org.br/modulos/quemsomos/quemsomos.php>). “CEAP – Centro Articulado de Populações marginalizadas: ONG que procura combater a discriminação racial e promover a valorização dos direitos humanos, objetivando a organização autônoma dos marginalizados” (<http://www.portalceap.org.br>). “O PVNC (Pré-Vestibulares para Negros e Carentes) surgiu na Baixada Fluminense em 1993, em função do descontentamento de educadores com as dificuldades de acesso ao ensino superior, principalmente dos estudantes de grupos populares e discriminados. O PVNC também surgiu visando a articulação de setores excluídos da sociedade para uma luta mais ampla pela democratização da educação e contra a discriminação racial” (<http://pvnc.sites.uol.com.br/historicopvnc.htm>).

pelos pais ou responsáveis. Outro cuidado ético foi o compromisso que assumi de manter sigilo sobre a identificação da escola e dos sujeitos. No caso da escola, são omitidas algumas informações, como denominação, endereço e outras características. Quanto aos estudantes, optei por utilizar nomes fictícios, mantendo, porém, as informações corretas sobre o sexo e a cor, conforme declaradas no questionário. Pelo mesmo motivo, refiro-me genericamente aos docentes (“uma professora”, “um professor”, sem especificar nomes nem as disciplinas que lecionam).

A discussão transcorrida no grupo focal foi gravada e transcrita (ver Anexo 06) e sua sistematização, assim como a das respostas ao questionário, será tratada no Capítulo II.

É importante esclarecer a razão de se discutir o atendimento à Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Trata-se de dispositivo legal que altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB), para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Não se trata, portanto, de simples indicação ou recomendação, mas de lei. Incorporada à LDB, a lei maior da Educação Nacional, não pode deixar de ser cumprida.

Como informado anteriormente, a Lei nº 11.645/2008 modifica a Lei nº 10.639/2003, que se referia apenas à obrigatoriedade da inclusão da “História e Cultura Afro-Brasileira”. A alteração básica é o acréscimo da cultura indígena, mantendo-se, no essencial, as mesmas determinações quanto a conteúdos programáticos e indicação dos componentes curriculares que podem contemplá-los. Assim, neste trabalho, ao mesmo tempo em que ajusto a referência à nova lei, não abduco de recorrer a trabalhos produzidos anteriormente à modificação da Lei nº 10.639/2003. Acrescente-se que o Ministério da

Educação (MEC), por meio da SECAD (Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade), elaborou orientações e sugestões de atividades para seu cumprimento nos três níveis da Educação Básica (Infantil, Fundamental e Médio – inclusive para Educação de Jovens e Adultos e Educação Quilombola), dirigindo-se, ainda, às Licenciaturas (Cf. MEC/SECAD, 2006). Essas orientações permanecem como referência básica para o tratamento da temática e são, também aqui, consideradas.

A presente Dissertação é estruturada em dois capítulos, além desta Introdução e das Considerações Finais. No Capítulo I - *Preconceito, discriminação e racismo: apontamentos para discussão da questão racial no cotidiano escolar* – são discutidos aspectos relativos à questão racial, a correlata problemática da contradição entre igualdade/diferença e desigualdade e suas implicações no tratamento de problemas pedagógicos, mais especificamente a relação entre currículo e diversidade no cotidiano escolar. No Capítulo II – *Percepções de estudantes sobre a questão racial no cotidiano escolar* – são descritos e analisados os depoimentos obtidos por meio dos questionários e durante a realização do grupo focal. Nas *Considerações Finais* são retomados os objetivos e indagações da pesquisa e levantados temas e problemas que o estudo suscitou e que podem dar origem a novas investigações.

CAPÍTULO I

PRECONCEITO, DISCRIMINAÇÃO E RACISMO:

Apontamentos para discussão da questão racial no cotidiano escolar

*Quem planta preconceito
Racismo, indiferença
Não pode reclamar da violência
Quem planta preconceito
Racismo, indiferença
Não pode reclamar da violência*

Natiruts

O Brasil foi o último país das Américas a abolir o trabalho escravo. Atualmente é o país que concentra o segundo contingente de população negra do mundo, ficando atrás apenas da Nigéria. A herança do passado escravista, a omissão histórica do Estado brasileiro frente às desigualdades raciais e étnicas, produziram uma série de perversidades resultantes do racismo, do preconceito e discriminações raciais. Negar o racismo foi, até pouco tempo, a posição do discurso oficial brasileiro. Isso serviu para aprofundar as desigualdades e impedir que tanto o Estado como a sociedade enfrentassem o problema.

Com a difusão e aceitação do mito da democracia racial, a idéia de três raças que se unem para formar o brasileiro passa a operar quase como um dogma para a maioria da sociedade. Por que falar em raça, em preconceito e discriminação raciais, se o Brasil é o país da harmonia racial? Na perspectiva acadêmica, foi apenas na segunda metade do século XX que os trabalhos de Abdias Nascimento, Clóvis Moura, Florestan Fernandes, Roger Bastide, Otavio Ianni, entre outros, sobre as condições de vida da população negra no Brasil, começaram a questionar a suposta democracia racial.

Para Moura (1994, p. 160),

O racismo brasileiro na sua estratégia e nas suas táticas age sem demonstrar rigidez, não aparece à luz, é ambíguo (...) mas altamente eficiente nos seus objetivos. E por que isso acontece? Porque não podemos ter democracia racial em um país onde não se tem plena e completa democracia social, política, econômica e cultural.

No entanto, apesar da ação dos grupos do movimento negro e do fato de a problemática racial estar colocada na academia, nos governos, na legislação, na mídia, os indicadores sociais atestam que recaem sobre a população negra as mais variadas formas de violência e violação de direitos e que os afro-descendentes estão nos níveis mais baixos de pobreza e escolaridade. Ainda assim, o mito da democracia racial persiste. A construção do povo brasileiro tem como pilar as três raças, mas o que se vê na prática, é um país embranquecido que não dá espaço para o negro construir uma identidade étnica que se traduza em cidadania em suas várias dimensões: social, política, econômica e cultural.

A palavra racismo designa um comportamento de hostilidade e menosprezo em relação a pessoas ou grupos humanos cujas características intelectuais ou morais consideradas “inferiores”, estariam diretamente relacionadas a suas características “raciais” (BORGES, MEDEIROS e D’ADESKY, 2002, p.48). Nas ações contra o racismo é importante a construção de uma identidade afro-brasileira. Para que a partir dessa construção nos negros possam exercer, de forma completa, sua cidadania.

De acordo com SILVA (2001, p. 77)

O racismo revela-se basicamente em três níveis: individual, institucional e cultural. No nível individual, um membro de um grupo racial julga-se superior a outro simplesmente por pertencer ao grupo tido como superior (branco, por exemplo). O racismo acentua atributos positivos do grupo que se acha superior e atributos negativos do que é inferiorizado, retira a humanidade do grupo racial em posição de inferioridade, transforma as diferenças em desigualdades.

No nível institucional, o racismo dispõe as instituições (Estado, escolas, empresas, partidos políticos etc.) a serviço dos pressupostos do racismo individual; limita a partir de algumas práticas institucionais as escolhas, os direitos, a mobilidade e o acesso de grupo de pessoas (por exemplo, negras) a determinadas posições ou ao seu desenvolvimento pleno.

No nível cultural, pode ser entendido como expressão individual e institucional da superioridade da herança cultural de um grupo étnico-racial com relação a outro, ou seja, o racismo se expressa na cultura quando todos os saberes produzidos pelas sociedades milenares africanas, por exemplo, não têm o valor cultural de saberes greco-romanos.

O racismo é uma expressão mais ampla que envolve o preconceito, hostilidade, segregação, discriminação em relação a um grupo étnico-racial.

O preconceito é, primeiramente, uma opinião que se emite antecipadamente, a partir de informações acerca de pessoas, grupos e sociedades, em geral infundadas ou baseadas em estereótipos, que se transformam em julgamento prévio, negativo (INSTITUTO INTERAMERICANO DE DIREITOS HUMANOS, 1995, P. 17).

O indivíduo preconceituoso é aquele que se prende a uma determinada opinião dogmática que o impede de ter acesso a um conhecimento mais fundamentado da questão que o levaria, talvez, a uma nova avaliação de suas opiniões. Apesar do preconceito nem sempre ferir os direitos do outro, isso não quer dizer que esse sentimento não possa vir a se tornar prejudicial, pois o preconceito é o primeiro passo para uma atitude discriminatória.

Para Borges, Medeiros e D'Adesky (2002, p. 53):

Os preconceitos fazem parte de nosso processo de socialização e é extremamente difícil erradicá-los do pensamento, pois a perspectiva crítica exige mais esforço do que a simples aceitação de idéias falsas, mas às quais estamos acostumados e que nos favorecem.

O preconceito envolve o julgamento ou imagem mental que as pessoas têm a respeito umas das outras, com base em atributos como raça e gênero; o que é chamado de estereótipo (TELLES, 2003, p237).

Se o preconceito é fundamentalmente uma atitude, a discriminação refere-se a comportamentos e práticas sociais concretas. Existe uma estreita relação entre esses dois conceitos e as realidades a que se reportam. Discriminação refere-se a tratamento diferenciado (CANDAU, 2003, p.18). No entanto, o que há de mais evidente nas atitudes dos brasileiros diante do “preconceito de cor” é a tendência a considerá-lo algo ultrajante [para quem sofre] e degradante [para quem pratica] (FERNANDES, 2007, p.41). Daí o preconceito de não ter preconceito. Muitos consideram como melhor estratégia, o Silêncio. Entre as dificuldades de se trabalhar a questão do preconceito racial, no âmbito social, como educacional, está relacionada à existência de um senso comum que não reconhece o racismo entre nós.

A educação historicamente ocupa lugar de destaque nos processos de construção e da cidadania plena dos diferentes grupos raciais ou étnicos brasileiros. Em relação aos afro-brasileiros, sua exclusão do processo educacional escolarizado é histórica. O movimento negro sempre entendeu que a educação constitui um setor de ação prioritária para a população negra. Neste sentido, a contribuição feita pela Imprensa Alternativa Negra sempre foi, como ainda é, muito importante.

A escola é uma instituição social permeada por conflitos e contradições existentes no contexto da sociedade brasileira. Podemos dizer que, ainda que valores como igualdade e solidariedade, respeito às diferenças estejam presentes no discurso da escola, outros mecanismos mais sutis mostram que preconceitos e estereótipos também estão presentes no cotidiano escolar e nas relações pedagógicas. Uma forma de discriminação é a exclusão de múltiplas e variadas maneiras de expressão cultural do currículo formal. Nessa perspectiva, a instituição escolar é vista como um espaço em que aprendemos e compartilhamos não só conteúdos e saberes escolares, mas, também, valores, crenças, hábitos e preconceitos raciais, de gênero, de classe e de idade.

Segundo Forquin (1993, p. 137):

Um ensino pode, com efeito, dirigir-se a um público culturalmente diverso sem ser ele mesmo um ensino multicultural: ele não se torna tal senão a partir do momento no qual ele põe em ação certas escolhas pedagógicas, que são ao mesmo tempo escolhas éticas e deontológicas, isto é, se leva em conta deliberadamente e num espírito de tolerância, nos seus conteúdos e nos seus métodos, a diversidade de pertencimentos e referências culturais dos públicos de alunos aos quais ele se dirige.

O reconhecimento da diferença não implica respeito aos diferentes e nem à sua cultura. Esse reconhecimento pode até favorecer os processos de hierarquização cultural nos quais a cultura do grupo social dominante é percebida como norma a ser incorporada pelo grupo cultural e racialmente dominado. É importante ressaltar que diferença e identidade têm uma associação

íntima, uma vez que, o que somos se relaciona ao que não somos. A identidade pessoal e a identidade social são formadas em diálogo aberto. Elas dependem das relações dialógicas com os outros. A questão da diversidade cultural na escola, por exemplo, pode ser considerada no que de mais fascinante ela proporciona às relações humanas que é o encontro das diferenças. A reflexão sobre a construção da identidade negra não pode prescindir da discussão sobre a identidade como um processo mais amplo. Este possui dimensões pessoais e sociais que estão interligadas e se constroem no âmbito social.

A identidade negra pode ser entendida como uma construção social, histórica, cultural. Essa construção acontece a partir das primeiras relações estabelecidas com o grupo social mais íntimo, geralmente a família e vai criando outras ramificações a partir de outras relações que o sujeito vai estabelecendo. Um grande desafio enfrentado pelos negros brasileiros tem sido construir uma identidade positiva em uma sociedade que historicamente ensina ao negro que ele tem que negar a si para ser aceito. De fundamental importância seria se a prática pedagógica conseguisse considerar a diversidade de raça, classe, gênero, idade, cultura, crenças etc., pois elas fazem parte do cotidiano da escola, estão presentes na vida da escola. Repensar o currículo e os conteúdos a partir de toda essa diversidade também se faz necessário.

De acordo com Gomes (2001, p. 86),

(...) ser negro no Brasil possui um ponto comum que atravessa a trajetória de toda a comunidade negra: o fato de ser um povo imerso em uma história de luta. A demanda por uma educação escolar de qualidade e democrática está inclusa nessa história. Os diferentes grupos negros sempre lutaram pelo direito de ter um ensino digno para os seus filhos e filhas.

A escola, muitas vezes desconhece e desconsidera essa realidade. É comum o pensamento que a luta por uma escola democrática é suficiente para garantir a igualdade de tratamento a todos. Essa crença é um equívoco. Em alguns momentos, as práticas educativas que se pretendem iguais para todos acabam sendo as mais discriminatórias. Essa afirmação pode parecer paradoxal, mas, dependendo do discurso e da prática desenvolvida, pode-se incorrer no erro da homogeneização em detrimento das diferenças. Partir do pressuposto de que os sujeitos presentes na escola são todos iguais e, por isso possuem uma uniformidade de aprendizagem, de cultura, de experiências, e os que não se identificam com esse padrão uniforme são defasados, especiais, lentos, é incorrer em uma postura que, ao desqualificar uma referência, reproduz uma

dominação. Quantas vezes encontramos essa concepção e essa postura no cotidiano da escola?

Para Dayrell (1996, p. 140)

Sob o discurso da democratização da escola, ou mesmo da escola única, essa perspectiva homogeneizante expressa uma determinada forma de conceber a educação, o ser humano e seus processos formativos, ou seja, traduz um projeto político pedagógico que vai informar o conjunto das ações educativas que ocorrem no interior da escola. Expressa uma lógica instrumental, que reduz a compreensão da educação e de seus processos a uma forma de instrução centrada na transmissão de informações.

Dayrell frisa que a escola é vista como uma instituição única, com os mesmos sentidos e objetivos, tendo como função garantir a todos o acesso ao conjunto de conhecimentos socialmente acumulados pela sociedade. Ensinar se torna transmitir esse conhecimento acumulado, e aprender se torna assimilá-lo. Nessa lógica, não faz nenhum sentido estabelecer relações entre o vivenciado pelos alunos e o conhecimento escolar, entre o escolar e o extra-escolar, justificando-se a desarticulação entre o conhecimento escolar e a vida dos alunos. A diversidade real dos alunos é reduzida a diferenças apreendidas na ótica da cognição ou do comportamento. Ou seja, a prática escolar desconsidera, ignora a totalidade das dimensões humanas dos sujeitos que dela participam.

Como pensar políticas para a diversidade se o pressuposto estruturante do sistema é que todos são iguais? Para o sistema, por décadas, não existe nem diversidade nem racismo na escola (ARROYO,2007, 116).

Em 2004, o Ministério da Educação divulgou as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Essas diretrizes centram-se no âmbito das políticas de reparações, de valorização do povo negro, de sua história e cultura. Isso implica, portanto, ações afirmativas no sentido de valorização de toda a riqueza do patrimônio histórico cultural afro-brasileiro. O ideário desta

política pública pressupõe para sua efetivação, uma mudança nos processos educativos das escolas brasileiras. Visando tal mudança, o MEC lançou Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais (MEC/SECAD, 2006).

A Lei 10.639/03¹⁰ foi sancionada pelo Presidente Luiz Inácio Lula da Silva em 09 de março de 2003. Esta lei torna obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio das escolas públicas e privadas da educação básica. A partir da Lei 10.639/2003, o Conselho Nacional de Educação (CNE) estabeleceu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, dispostas em documentos do Conselho Nacional de Educação, Parecer CNE/CP0003/2004 e Resolução CNE/CP 1/2004.

O Parecer visa regulamentar a alteração trazida à Lei 9.394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, pela Lei 10.639/2003. Procura respostas à demanda da população afro descendente, no sentido de políticas de ações afirmativas, ou seja, de políticas de reparações, e de reconhecimento e valorização de sua história, cultura, identidade. Busca combater o racismo e as discriminações que atingem de maneira particular as pessoas negras, e trata de política curricular fundada em dimensões históricas, sociais, antropológicas provenientes da realidade brasileira.

As políticas de reparações têm como meta o direito dos negros se reconhecerem na cultura nacional, expressarem visões de mundo próprias, manifestarem com autonomia seus pensamentos. Existe uma demanda da comunidade afro-brasileira por reconhecimento, e isto requer mudanças nos discursos, nas posturas, nos modos de tratar as pessoas negras. Requer também que se reconheça a sua história e sua cultura.

¹⁰ Conforme esclareci na Introdução, a Lei nº 10.639/03 foi modificada pela Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008, que acrescenta a obrigatoriedade de inclusão da *cultura indígena* no currículo de Educação Básica.

Segundo o Parecer:

A obrigatoriedade de inclusão de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nos currículos trata-se de decisão política, com fortes repercussões pedagógicas, inclusive na formação de professores. (...) A relevância do estudo de temas decorrentes da história e cultura afro-brasileira e africana não se restringe à população negra, diz respeito a todos os brasileiros, uma vez que devem educar-se enquanto cidadãos atuantes no seio de uma sociedade multicultural e pluriétnica. (MEC/SECAD, 2006, p. 239).

Neste ponto cabe ressaltar a importância que é atribuída à educação das relações étnico-raciais, uma vez que, faz-se necessário ressignificar a relações entre negros e brancos: “A educação das relações raciais impõe aprendizagens entre negros e brancos, troca de conhecimento, superação das desconfianças”. (Ibidem, p. 236)

Em 2006, o MEC, por meio da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD), elaborou o documento: Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais. Todo o material é

o resultado de um trabalho que envolveu vasta coletividade de estudiosos(as), especialmente educadores(as), contando com cerca de 150 envolvidos(as). O trabalho foi construído em jornadas (Salvador, Belo Horizonte, Florianópolis e Brasília), nas quais se formaram grupos de trabalho, e em reuniões das coordenadoras dos referidos GTs, entre dezembro de 2004 e junho de 2005. O processo incorporou, ainda, a redação de várias versões dos textos e passou por uma equipe de revisão e sistematização do conteúdo. (Ibid., p. 13)

Na introdução destaca-se a importância do resgate da história e da cultura afro-brasileira e africana como uma forma de afirmação e revitalização da auto-imagem do povo negro. É feita menção a toda legislação relativa ao racismo, incluindo A Lei 10.639/2003. Também destaca a

relevante presença do Movimento Negro em todos os processos reivindicatórios. São abordados o subdimensionamento dos efeitos das desigualdades étnico-raciais; o silêncio da escola em relação às dinâmicas raciais, e como esse silêncio tem permitido a transmissão ao alunado de uma pretensa superioridade branca, sem um questionamento crítico por parte dos profissionais da educação. São indicados os princípios que foram tomados como base para a construção do Plano de Ação para a Inserção das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, que são os seguintes:

- Socialização e visibilidade da cultura negro-africana.
- Formação de professores com vistas à sensibilização e à construção de estratégias para melhor equacionar questões ligadas ao combate às discriminações racial e de gênero e à homofobia.
- Construção de material didático-pedagógico que contemple a diversidade étnico-racial na escola.
- Valorização dos diversos saberes.
- Valorização das identidades presentes nas escolas, sem deixar de lado esse esforço nos momentos de festas e comemorações. (SEAD, 2006. p. 24)

A parte referente ao ensino médio e as questões étnico-raciais apresenta uma espécie de balanço/levantamento de aspectos que configuram algumas características do ensino médio no Brasil. São apontados diversos problemas que permeiam o espaço da escola média, incluindo a referência a vários tipos de discriminação, entre elas a racial. O Projeto Político-Pedagógico das escolas é indicado como meio capaz de garantir condições para alunos(as) negros(as) e alunos(as) não-negros(as) possam conhecer a escola como espaço de socialização.

Alguns indicadores educacionais e sociais (Inep e IBGE/2002) são utilizados para demonstrar a relação entre a realidade sócio-histórica e a exclusão dos alunos negros (a situação

se agrava à medida que aumentam os anos de escolaridade). O estudo divulga que a população negra possui em média 5,3 anos de estudo, enquanto a branca tem 7,1 anos. Quanto à frequência escolar, a população negra na faixa de 15 a 17 anos registra índice de 78,6%, abaixo da média do país, de 81,5%.

Apesar disso, ainda não há uma valorização intencional e contextual que abarque projetos pedagógicos, currículos e materiais didáticos no sentido de afirmação da história e cultura negras. A lógica que tem prevalecido é a que diferencia, inferioriza e hierarquiza a população negra e pobre na escola. As iniciativas que procuram reverter essa lógica ainda são iniciativas isoladas, que nem sempre têm continuidade ou se tornam significativas. Portanto, a grande tarefa que se coloca para todos os profissionais da educação, em especial aos educadores, é desenvolver a capacidade de reconhecer, respeitar, e valorizar as diferenças. Essa não é uma tarefa fácil, o texto aponta que a maioria do conjunto de professores conhece pouco da vida dos alunos.

Uma forma recomendada para que se possam conhecer mais e melhor os estudantes, é a escola atentar para as culturas juvenis que somam uma gama de atitudes e atividades desenvolvidas e valorizadas por eles. Aprender a ouvir esses jovens faz da escola um espaço de diálogo com as realidades vivenciadas por eles. A escola seria o lugar de experiências e trocas entre negros e brancos, de valorização da diversidade e da igualdade contribuindo para mudar o rumo de uma história de exclusão e discriminações que expulsa os negros do espaço da escola regular. A escola deve oportunizar a todos a construção de suas identidades sem serem obrigados a negar a si próprios ou ao grupo étnico-racial a que pertencem.

Há um destaque para uma parte da juventude negra que vem ressignificando espaços de tradição e de cultura afro-brasileiras em suas diversas formas de preservação e manifestação. E também afirmando sua identidade, seu pertencimento étnico-racial através desse processo.

O Plano de Ação, ao afirmar a mudança em práticas em torno das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, propõe que a intervenção se dê por meio do Projeto Político Pedagógico (PPP) ressignificado e construído coletivamente. O PPP deve assumir uma perspectiva emancipatória e anti-racista:

Considera-se a inserção das Diretrizes no Projeto Pedagógico da escola como a assunção de um conjunto de valores, e elas devem interferir na gestão da escola e não apenas da sala de aula ou na disposição dos conteúdos curriculares, ainda que se dê também por meio dos saberes disciplinares (MEC/SECAD, 2006, p. 92).

O currículo é descrito “como lugar, espaço, território no qual são incentivadas as discussões, o entendimento e as negociações de poder” (SILVA apud MEC/SECAD, 2006, p. 93)

Pesquisadores da área do currículo advertem que ao abordar a situação do currículo do ponto de vista anti-racista, a escola, em suas práticas no cotidiano, ainda não dispõe de referenciais para a promoção da igualdade racial.

O currículo, como um dos elementos do Projeto Político-Pedagógico, deve ser reconstruído na direção da diversidade, respeitando os princípios que têm sido norteadores para uma educação anti-racista: pedagogia multicultural, coletiva, cooperativa e comunitária, que preserva a circularidade, a territorialidade e a ancestralidade africanas.

CAPÍTULO II

PERCEPÇÕES DOS ESTUDANTES SOBRE A QUESTÃO RACIAL NO COTIDIANO ESCOLAR

*60% dos jovens de periferia
sem antecedentes criminais
já sofreram violência policial
a cada 4 pessoas mortas pela polícia
3 são negras
nas universidades brasileiras
apenas 2% dos alunos são negros
a cada 4 horas um jovem negro
morre violentamente em São Paulo
aqui quem fala é primo preto
mais um sobrevivente...*

Racionais Mc's -
Capítulo 4 Versículo 3

No intuito de compreender a percepção dos alunos sobre preconceito racial, discriminação e racismo no cotidiano escolar, foi aplicado um questionário (contendo 14 questões) nas duas turmas do terceiro ano do ensino médio, totalizando 40 questionários respondidos (Anexo 04). A etapa seguinte consistiu na realização de um grupo focal, para o qual não houve uma seleção, os alunos puderam optar por participar ou não. Participaram 19 alunos com idade entre 16 a 18 anos.

Algumas informações preliminares

A escola escolhida funciona em dois turnos, com 09 turmas de Ensino Fundamental II e 09 turmas de Ensino Médio, de formação geral. Possui uma biblioteca com acervo de 3000 livros, um laboratório de biologia, um laboratório de informática, duas quadras de esporte, um refeitório, uma cozinha, dois banheiros de alunos (um feminino, outro

masculino), dois banheiros para funcionários, uma sala de professores, uma sala da direção, uma sala da coordenação, uma sala da secretaria, dois pátios. A gestão de verbas é feita através do Conselho de Escola. A equipe técnica é formada por um diretor, um vice-diretor e dois coordenadores pedagógicos. As reuniões de HTPC (Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo) são semanais e organizadas por área e nível de ensino, com todos os professores. 50% dos professores participam de cursos de capacitação. Nos últimos dois anos participaram dos seguintes cursos:

- Ensino Médio em Rede – Secretaria Estadual de Educação
- Progestão - Secretaria Estadual de Educação
- Teia do Saber - Secretaria Estadual de Educação
- Grandes Temas da Atualidade - Secretaria Estadual de Educação
- Práticas de Leitura - Secretaria Estadual de Educação
- Africanidades – USP/ Secretaria Estadual de Educação

A participação dos pais se dá através das reuniões de pais e mestres e do conselho escolar. A avaliação é bimestral. A escola vem atendendo à lei 11645/08, que dispõe sobre o ensino da História e da Cultura Afro-brasileira e Indígena na educação básica, através da disciplina de História (8ª série e ensino médio). O desenvolvimento desse trabalho tem sido feito no tratamento do conteúdo dessa disciplina.

A escola já está recebendo a 3ª geração de algumas famílias. A diretora, que está no cargo há mais de vinte anos, contou que, em sua maior parte, os problemas que enfrenta,

desde sua chegada à escola, são solucionados junto com a comunidade. Com o tempo, o entrosamento entre escola e equipe escolar fez com que a escola passasse a ser também um lugar de trocas de experiências.

Em relação ao tema da minha pesquisa, a diretora disse que o preconceito racial na escola poderia até existir, mas seriam casos isolados. E que estava muito preocupada com outro preconceito. O preconceito contra homossexuais. Mas afirmou que me apoiaria no que fosse preciso. Quando perguntei como se dava o atendimento à lei 11.645/2008, ela disse que não saberia me apresentar maiores informações e sugeriu que conversasse com os coordenadores pedagógicos.

Na conversa com os dois coordenadores fui informado que não existe nenhum projeto que envolva a escola, a comunidade. O trabalho relativo à Lei 11.645/2008 vem sendo desenvolvido através do conteúdo de algumas disciplinas.

Uma professora, que me cedeu o tempo de aula para aplicação do questionário, disse que a questão do preconceito é muito séria e que fazia questão de abordá-la em suas aulas. Mas sentia falta de uma proposta coletiva em torno do assunto.

A aplicação do questionário se deu em agosto de 2008 e transcorreu de forma tranqüila, em duas turmas de 3º ano do ensino médio (3º A e 3º B). Enquanto respondiam, alguns alunos conversavam entre si. Percebi certa dúvida por parte de alguns deles na hora de se definirem quanto à cor. Houve um aluno que me perguntou qual era a cor dele. Respondi que ele era a pessoa mais indicada para responder a pergunta. Ele sorriu, e continuou a responder o questionário. Quando entregou o questionário me falou que era pardo. Outro aluno disse que era umbandista e, por causa de sua religião, já tinha sido discriminado. Uma aluna, depois de entregar o questionário, fez questão de dizer que uma

forma de discriminar o negro eram as cotas raciais, e que o os negros não precisam disso, pois têm a mesma capacidade que os brancos.

O grupo focal foi realizado em setembro de 2008, durante o horário de aula (os dois últimos tempos). Participaram 09 alunos e 10 alunas. Fui auxiliado por duas colegas do grupo de pesquisa. A mesma professora liberou os alunos para participarem e permaneceu na sala, como ouvinte. Não me senti à vontade para pedir que se retirasse, mas acredito que sua presença acabou interferindo no desenvolvimento do debate. Muitos alunos permaneceram calados do início ao fim do encontro¹¹.

Antes de iniciar o grupo focal assistimos a um vídeo institucional produzido pelo CECIP – Centro de Criação de Imagem Popular: Ação Contra a Discriminação Racial
Título do vídeo: *Alguém falou de racismo*¹². Duração: 20 minutos.

Foram formados dois grupos: o das meninas e o dos meninos. Estipulamos um tempo (20 minutos) para cada grupo e o tema proposto para a discussão foi: como preconceito racial, a discriminação e o racismo se manifestam na escola, nas relações existentes na escola?

¹¹ Tal situação faz lembrar a observação de GATTI (2005, p. 68): “reunir pessoas para trabalho em grupo focal nem sempre é fácil, e participantes potencialmente importantes podem não se engajar no grupo por desconfiança, por não se sentirem à vontade em participações coletivas ou por terem limitações comunicativas, ou, ainda por não se sentirem seguros devido à relatividade do anonimato e à confidencialidade nesse tipo de participação, que envolvem outras pessoas”.

¹² O vídeo apresenta uma situação de preconceito racial em situação escolar: um aluno afro-descendente fala para uma colega de turma que pelo fato de ser negra, ela não poderia ser médica, poderia, no máximo, ser enfermeira. A partir daí, os professores passam a mediar a situação e solicitam uma pesquisa ao grupo envolvido na questão. O grupo produz um pequeno vídeo com entrevista abordando, entre outras temas, a questão do preconceito racial; após a apresentação do vídeo para a turma, inicia-se a discussão. A direção é de Claudius Ceccon e Daniel Caetano.

O registro feito (gravação em fita magnética) apresentou algumas falhas. Algumas partes ficaram inaudíveis. Outras puderam ser reconstituídas a partir dos apontamentos feitos.

As respostas ao questionário

As respostas às questões fechadas foram tabuladas e sintetizadas no Quadro 1.

Quadro I		Dados obtidos do questionário diagnóstico						
Dados pessoais								
Idade(anos):	16 (03)	17 (29)	18 (07)	20 (01)				
Sexo	M 14	F 26						
Cor	branca (13)	negra (08)	parda (18)	NR (01)				
Dados familiares								
Grau de escolaridade:	NS	Analf	EFl	EFII	EM inc.	EM	ES inc.	ES
Pai	03	01	07	04	04	15	02	00
Mãe	02	00	15	05	02	16	00	01
Renda familiar (sal mínimo) :	até 1	de 1 a 3	de 3 a 5	mais de 5				
	04	14	21	03				
Informação sobre preconceito racial:								
	bem informada	+/- informada	mal informada					
	14	25	01					
Preconceito sobre negros é um problema grave: sim (35) não (05)								
Observação tratamento desigual: sim (12) não (28)								
Na escola								
- Observação de situações de preconceito: sim (15) não (25)								
- O preconceito racial se manifesta:								
prof. X aluno (2) na atribuição de notas, correção de provas (0)								
nos temas das matérias (0) nos livros didáticos (3) aluno X aluno (16) aluno X prof. (5)								
- Papel da escola estimular o debate: sim (40) não (00)								
- Preconceito racial contra negros debatido em alguma matéria: sim (29) não (11)								
Matérias citadas: História, Geografia, Potuguês								
- A história e a cultura afro-brasileira são tratadas								
em 1 ou + matérias em festas e outras atividades não são tratadas NR								
(26) (00) (13) (01)								
Matérias citadas: História, Geografia, Artes								
- A história e a cultura afro-brasileira são ensinadas em alguma matéria:								
sim (27) não (13)								
Matérias citadas: História, Geografia								
Opinião								
Maior vítima do preconceito racial								
Homem mulher Tanto homem como a mulher								
(05) (04) (31)								
Ensino de história e a cultura afro-brasileira								
Muito importante Importante Pouco importante								
(21) (18) (01)								
Conhece a Lei que torna obrigatório o ensino da História e da Cultura Afro-brasileira na Educação Básica?								
sim (04) não (36)								

O questionário (cujo modelo se encontra no Anexo 04) inicia solicitando que os alunos se auto-identifiquem, sendo a cor uma das informações. Durante a aplicação não houve nenhuma interrogação por parte dos alunos em relação ao uso do termo cor ao invés de raça. A classificação utilizada por eles ficou muito próxima a que é feita pelo IBGE. 18 alunos se declaram como pardos, 13 como brancos, 8 como negros e um não respondeu. Nenhum aluno utilizou o termo preto (na classificação utilizada pelo IBGE, os negros são a soma entre pardos e pretos). No entanto, alguns alunos que se declaram pardos não se reconhecem, não se auto-identificam como negros. Isso ficou mais evidente na discussão do grupo focal.

Na questão nº 2 (o que você entende por preconceito racial?), os alunos expuseram de maneira bastante sucinta sua compreensão em relação ao questionamento feito. Algumas palavras associadas a preconceito racial chamam atenção porque foram mais recorrentes: cor (17 vezes), discriminação (5), diferença (5), diferente/s (5), iguais (3), raça (3). Outras se destacam, por ter sido pouco utilizadas: separar (2), etnia (1), desigualdade (1).

Eis algumas das respostas referentes ao que se entende por preconceito racial:

- Entendo que é a desigualdade imposta injustamente pela sociedade pela diferença de cores (Anderson - branco)¹³
- É um modo de discriminar pessoas que tem cor diferente (Caetano- branco)
- Discriminação contra pessoas de cores diferentes, não só o negro (Thiane - parda).
- O preconceito contra pessoas de raça ou cor diferente (Anita-?)¹⁴
- Eu entendo que é a discriminação pela cor, desde uma rejeição no trabalho até uma visão “marginalizada” pela sociedade (Mila - parda)
- Discriminação pela cor da pele (Thiane - parda)
- Esse é o tipo de preconceito em que as pessoas visam a cor de pele das pessoas (Valéria - branca)

¹³ Como informado na Introdução, os nomes são fictícios.

¹⁴ Cor não declarada no questionário.

- Entendo que não só sobre raças mas em outras situações a sociedade exclui uma pessoa que para eles não são “iguais” (Dayse - negra)
- Como o nome já diz é um “pré-conceito” a pessoa nem conhece a outra e a “julga”, todos somos iguais (Marly - parda)
- Eu não entendo nada sobre preconceito racial (Janaína - parda).

A cor da pele aparece na maior parte das respostas. Observa-se que a percepção desses jovens a respeito do preconceito racial está muito próxima ao senso comum. É importante ressaltar o fato de estarem terminando o ensino médio sem terem tido a oportunidade de elaborar um olhar crítico diante desse problema, como diz Janaína: “eu não entendo nada sobre preconceito racial”.

Isso se reflete nas respostas dadas à questão anterior (Q. 1): 25 alunos se consideram apenas mais ou menos informados, 1 mal informado e 14 bem informados. Mesmo assim, na opinião de 35 alunos (Q. 3) o preconceito contra negros é um problema muito grave. Durante a discussão no grupo focal, no entanto, houve uma mudança em relação a esse posicionamento, como veremos adiante.

Na questão 4 (você já observou alguém ser tratado de forma desigual pelo fato de não ser branco? Quem tratou quem? Em que situação?) 12 estudantes responderam sim. Em uma das respostas aparece um assunto que foi muito presente no grupo focal: cotas para negros no ensino superior. Respondendo a questão Érica diz: “Sim, o governo, quando decidiu fazer “cotas” nas universidades, achando que os negros são menos capazes”. A opinião dessa estudante é compartilhada por um enorme número de pessoas, inclusive, entre muitos intelectuais.

Há muita polêmica em torno desse assunto. Mas é sempre importante lembrar que cota é um dos instrumentos de aplicação de políticas de ação afirmativa. Ação afirmativa é

um instrumento, ou um conjunto de instrumentos, utilizado para promover a igualdade de oportunidades no emprego, nos negócios, na educação. É um conjunto de medidas pelas quais governos, instituições privadas procuram remediar a discriminação passada e presente e também prevenir a discriminação futura. É uma forma de compensar determinados segmentos sociais pelos obstáculos que seus membros enfrentam no presente em função da discriminação a que foram submetidos no passado. Um dos propósitos da ação afirmativa é ampliar as oportunidades educacionais dessas pessoas, expandir seus horizontes e envolvê-las em áreas nas quais tradicionalmente não estão representadas.

Outras respostas dadas à questão 4:

- Sim, meu tio – não aceitar minha prima se casar com um negro (Érica B.)
- Sim, meu avô com meu pai – na hora de namorar com minha mãe (Thaís P)
- Sim, um jogador de futebol chamado por outro de macaco – em uma partida de futebol (Josias N)
- Sim, os amigos – em brincadeiras bestas (Josias)
- Sim, um branco com um negro – por que achava a cor do negro feia (Joana)
- Sim, em lojas, bancos, escolas, ruas, em todo lugar (Valéria)

Tratamento desigual observado na família, no futebol, nas brincadeiras dos amigos, em todo lugar, relacionado à estética, a valores. No entanto, a escola não foi mencionada. Nenhum aluno fez alusão, por exemplo, a situações percebidas ou vivenciadas ao longo de sua trajetória escolar envolvendo a questão do preconceito racial, da discriminação e do racismo.

Na questão 5 (na escola em que estuda, você observa situações de preconceito contra negros?) 23 estudantes responderam não e 17 responderam sim. Entre os que responderam sim, 16 disseram que o preconceito racial se manifesta, no cotidiano da

escola, na postura de alunos em relação a outros alunos (Q. 6). Já no grupo focal todos praticamente concordaram que o preconceito contra negros é inexistente na escola em que estudam.

Para a maioria dos estudantes, tanto o homem como a mulher são vítimas do preconceito: 31 assinalaram essa opção (Q. 7). Posteriormente, no grupo focal essa questão não apareceu. Isso é interessante, uma vez que a mídia tem veiculado muitas informações sobre as desvantagens das mulheres negras no mercado de trabalho e também sobre a violência por parte da polícia em relação aos homens negros.

Quando interrogados se a escola tem um papel importante no sentido de estimular o debate sobre o preconceito racial (Q. 8), 40 estudantes responderam que sim, ou seja, todos concordaram que a escola tem um papel fundamental no encaminhamento do problema. Perguntados se o preconceito racial contra negros tem sido debatido em alguma matéria (Q. 9), 27 estudantes disseram sim e 13 não. Entre os que responderam sim, as matérias citadas foram: história, geografia e português. Sobre a importância do ensino da história e cultura afro-brasileira (Q.10), 21 consideram muito importante, 18 importante e 1 pouco importante. Em relação à Lei 11.645/08 (Q. 11) – que torna obrigatório o ensino sobre história e cultura afro-brasileira no ensino médio – 36 estudantes nunca ouviram falar nessa lei, apenas 4 responderam que a conheciam. Se a história e cultura afro-brasileira são ensinadas em alguma matéria (Q. 12), 27 responderam sim e 13 não; as matérias citadas foram história e geografia. Sobre o tratamento feito na escola em relação à história e cultura afro-brasileira (Q. 13), 26 estudantes responderam que é feito em 1 ou mais matérias, 13 responderam que não são tratadas, nem em festas e atividades, 1 não respondeu.

Na última questão foi perguntado se haveria interesse em participar da próxima etapa da pesquisa (grupo focal): 25 responderam sim, 15 responderam não. Alguns alunos que se auto-identificaram como negros responderam não.

O debate ocorrido no Grupo Focal

O grupo focal tem como objetivo captar, a partir de trocas realizadas no grupo, conceitos, sentimentos, atitudes, crenças, experiências e reações, de modo que não seria possível com outros métodos como a observação, a entrevista e o questionário. Segundo GATTI (2005, p. 9):

o grupo focal permite fazer emergir uma multiplicidade de pontos de vistas e processos emocionais pelo próprio contexto de interação criado, permitindo a captação de significado que, com outros meios, poderiam ser difíceis de se manifestar.

A realização do grupo focal aconteceu de forma tranqüila, apesar do número de participantes, dezenove alunos. A maior parte permaneceu em silêncio. No entanto, as conversas paralelas sobre o que estava sendo colocado pelos colegas não deixaram de acontecer. Todos estavam bem atentos.

Para o início da conversa procurei ir direto ao ponto e coloquei a questão: como vocês vêem o problema do preconceito racial, do racismo?

Andréa (P): Eu particularmente acho que não é tão, digamos assim, tão radical como antigamente.

Janaína (P): Eu também.

Érica (P): Eu não sei ... em relação a esse preconceito.

Já no início, as meninas esboçam certa visão de que o preconceito racial hoje em dia é mais ameno, que em outra época o preconceito já teria sido mais forte, mais presente na vida das pessoas.

Thiane (P): Eu nunca vi isso, aqui na escola, não, Eu nunca senti nenhum tipo de preconceito racial, eu não sei como eu me sinto porque nunca vi ninguém. Eu acho que o preconceito racial, hoje em dia, é muito maquiado. Eu acho isso, na minha opinião.

A resposta de Thiane é bastante interessante, ela nunca viu, não sabe como se sente, mas afirma que a especificidade do preconceito racial é a maquiagem, ou seja, há uma máscara, um disfarce envolvendo a questão do preconceito racial. Ela sabe que ele existe, é maquiado. Mas nunca presenciou nem sentiu nenhuma situação de preconceito na escola. Os olhares dos outros alunos eram de concordância. Então, tentei explorar as situações fora da escola.

Isabela (P): Em hospitais se vê muito também, se vê muito isso. Porque um dia eu tava lá e chegou uma mulher, ela era bem **escura** e ela era a primeira. E, aí chegou uma outra toda bem arrumada e tal, eles deram preferência para atender a outra, ela era **branca**, né, toda arrumada. Já a **moreninha** que estava na frente, ficou para depois, entendeu? Queira ou não eu considerei **um preconceito racial** por ela ser daquela cor, eles deram menos importância para ela (grifos meus).

O fato exposto por Isabela poderia ser considerado uma discriminação racial contra a mulher negra citada. O que chama atenção é o cuidado que ela teve para não usar a

palavra negra. Ainda é muito comum o uso do termo escuro, escurinho/a. Há um cuidado porque alguém pode se sentir ofendido ao ser chamado de negro/a¹⁵.

Neste momento houve um pequeno problema com o registro da conversa. Anita contou como uma vizinha costuma associar o negro com tudo o que é negativo, ruim na nossa sociedade: violência, crimes, mortes, sofrimentos.

Anita (?): sempre que acontece alguma coisa ruim, tem sempre alguém que fala, tinha que ser negro. Mas por quê?

É importante dizer que Anita não declarou a sua “cor”. E não foi esquecimento, foi opção. Ela poderia ter colocado parda, negra. Estaria perfeito. No entanto ela não o fez, por quê? Bem! Não houve muito que captar no sentido de esclarecer o motivo, o que se percebe é a dificuldade no momento de assumir a negritude. É importante observar que os indivíduos constroem sua identidade de acordo com o que é considerado importante na sociedade.

Como mediador, insisti no tema, perguntando: – “Será que o negro é sempre relacionado a algo inferior?”

Andréa (P): se agente for ver, quem mora na favela é negro, mas tem o caráter da pessoa, não é só a cor...

¹⁵ Um relato interessante é feito por Frei Davi no livro *Zumbi somos nós – Cartografia do racismo para o jovem urbano* (FRENTE 3 DE FEVEREIRO, s/d). Nesse relato, Frei Davi conta que “se sentiu profundamente ofendido quando foi identificado e chamado de negro pelos colegas seminaristas em uma comemoração do 13 de maio. Chegou a arrumar as malas para ir embora. Antes teve uma conversa com o responsável pelo seminário que perguntou se poderia ver as fotos dos pais de Davi. Ao mostrar a foto de sua mãe branca, Davi diz ter sentido orgulho, mas ao mostrar a foto de seu pai, negro, diz ter sentido vergonha. Ao ver a foto do pai de Davi, o frei responsável pelo seminário gritou: oh! Meus parabéns, seu pai é negro, e disse: é Davi eu pedi para ver as fotos porque eu queria saber o quanto você está doente! Eu queria saber o grau da doença em você. É, Davi, você tem uma doença chamada de ideologia do embranquecimento”.
Obs.: Frei Davi foi Coordenador da Educafro. A *Frente 3 de fevereiro* é um grupo de pesquisa e intervenção artística acerca do racismo na sociedade brasileira. No dia 3 de fevereiro (2004), o jovem negro e dentista recém-formado Flávio Sant’Ana foi assassinado pela polícia militar de São Paulo.

Acredito que Andréa queira fazer referência às pessoas de bem, pretas e pardas, a maioria negra de moradores nas favelas, que ainda hoje são tratadas de maneira diferenciada, desigual. Às vezes, como se fossem bichos mesmo. A falta de compromisso das autoridades políticas, a violência das ações policiais em que negros tendem a ser enquadrados como elemento suspeito, e são assassinados, fazem parte do cotidiano das favelas e periferias.

Thiane (P): Eu acho que a discriminação é relacionada ao que a Anita falou. O que ela falou, o negro era bicho na escravidão, uma sub-espécie. Eu acho que é isso. O negro é o lado ruim, o branco é o lado bom. É isso que falamos, é o que a vizinha dela falou: Tinha que ser negro. Porque o negro era uma sub-espécie, uma sub-raça, na verdade, na escravidão.

E eu lhe perguntei: – “Então você acha essa visão do negro como uma coisa inferior, ela passou, acabou?”

Thiane (P): Acho que não. Acho que um exemplo são as cotas nas universidades. Um exemplo disso são as cotas.

Thiane retoma o passado escravocrata para explicar a discriminação e o preconceito contra negros. Segundo ela ainda existem resquícios da visão do negro como bicho. E afirma que as cotas raciais confirmam essa visão que inferioriza os negros. Acredito que neste caso, o problema que se coloca é a falta de informação sobre o assunto, bem como a influência de certas visões veiculadas na mídia. Thiane e seus colegas do terceiro ano apresentam um posicionamento diante da política de cotas raciais extremado, são radicalmente contra. Contudo, parece que não foi oportunizada aos alunos a possibilidade de uma discussão mais aprofundada sobre a questão.

Anita: Tem branco que também está passando necessidade. Por que estas cotas dão prioridade aos negros?

A resposta não veio logo, foi necessário que eu a solicitasse: – “Ela está fazendo uma pergunta. Alguém pode responder a ela?”

Isabela: Porque são negros e eles acham que os negros são inferiores, por isso é que dão prioridade para eles, porque é negro não tem estrutura, não tem estudo, não tem capacidade para trabalhar e conseguir e por isso digamos assim, vamos dar uma oportunidade para eles, para ver se assim eles conseguem crescer na vida, entendeu? Eu acho assim. Queira ou não é uma forma de discriminação.

Anita: deveria haver cotas para os brancos também, porque tem brancos que não têm condições...

Anita anteriormente já havia apontado para a situação do negro na sociedade. No entanto, ela não faz a relação entre as políticas de cotas e a situação vivida pela população negra. Falta também a compreensão de que quem impõe a desigualdade entre negros e brancos historicamente não são os negros. Muito pelo contrário, os negros vêm ao longo do processo histórico lutando no sentido de afirmação de sua cultura, de sua história, de seus direitos. Um ponto que também não foi mencionado são as cotas para estudantes de escolas públicas. Isso demonstra a ausência no currículo de determinados conteúdos que são indispensáveis para uma formação crítica que vise à cidadania desses alunos.

Anita (?): Bem, eu acho que é assim. Eles se desvalorizam. Só pelo fato de serem negros, eles têm menos perspectiva pela vida. Só porque no passado era daquele jeito, eles acham que não precisam trabalhar do mesmo jeito, acham que trabalhar numa casa de família...

Mediador: É isso?

Grupo: Há uma concordância

Parece haver uma concordância em relação à suposta passividade do negro, há uma acomodação. Os negros se desvalorizam. Há uma redução do aspecto social da desigualdade, atribuindo aos indivíduos a responsabilidade.

Caetano (B): Que nem a questão das cotas, eu sou contra, também.

Mediador: Por quê?

Caetano (B): Porque a capacidade do cérebro do negro é a mesma que do branco (risada geral) Não é verdade isso?

Caetano faz uma consideração importante, temos a mesma capacidade. Somos todos seres humanos. Aqui ele chama atenção para o caráter biológico dessa igualdade. No entanto ele e o grupo não levam em consideração a própria desigualdade que estrutura a sociedade em que vivemos e que inviabiliza a igualdade de oportunidades e de condições.

Procurei retomar o debate do preconceito, relacionando-o com a questão das cotas: – “Mas, voltando para a questão do preconceito racial, da discriminação, se as cotas não resolvem, qual seria o encaminhamento que a gente faria. Por exemplo, a escola. A escola tem contribuído para questão do preconceito?”

Josias (N): vou te falar aqui no colégio nunca teve nada.

Caetano (B): Nunca vi também.

Mediador: A escola tem trabalhado, vocês apontaram no questionário que algumas disciplinas têm trabalhado, como é esse trabalho, como os professores trabalham?

Caetano (B): Agora vou te falar, aqui no colégio eu nunca vi

Mediador: Como a escola tem trabalhado, vocês falaram, como a escola tem contribuído, como é que é isso?

Josias (N): falam mais do passado, da escravidão

Marcos (P): é no passado, do atual ...

Caetano (B): Um comentário ou outro da atualidade, sempre aparece, mas de estudo assim a fundo, só de antigamente.

No questionário, 29 alunos disseram que o preconceito era debatido em algumas disciplinas: história, geografia e português; e 26 alunos, que a história e cultura afro-brasileira são tratadas em uma ou mais disciplinas: história, geografia e artes (não foi apontado nenhum tratamento em festas e outras atividades). Já no grupo focal há uma mudança, como se pode perceber. O tratamento dado ao tema, segundo os alunos, não é uma prioridade nas disciplinas, nem no cotidiano da escola. Está mais relacionado ao passado, à escravidão. Com certeza esse tratamento influencia, ainda que parcialmente, a percepção do preconceito, da discriminação e do racismo.

(B): Eu acho que hoje ainda existe, mas não igual antigamente, não. Só que uma coisa tipo mais bobo, né, porque que nem nas profissões é mais difícil ter, digo entre as comunidades, os amigos, essas coisas assim...

Influencia também na maneira como os alunos, incluindo os negros como Josias, percebem a presença, as dificuldades, as lutas, as vitórias do povo negro. O que é bastante significativo para o desenvolvimento de uma auto-imagem positiva.

Josias (N):... o negro se esconde na idéia de facilidade,...o negro tem que estudar mais, ele relaxa mais, deixou de brigar, vamos dizer assim, eu vejo o negro como pouco esforçado ... o Lula, ele era pobre, ele é branco, ele lutou. No caso de um negro se fizesse o mesmo tanto, estaria no mesmo lugar que ele ou até mais...

Isabela ao ouvir a colocação de Josias mostrou-se bastante inconformada e menciona que para o negro a questão do acesso a determinados espaços é praticamente impossível.

Isabela (P): Eu queria falar assim que eu não concordo com que o Josias falou. Ele falou que o Lula apesar de ser branco, ele falou que um negro poderia estar no lugar dele. Eu acho que não, porque o Lula ele pode ser branco, tudo, ele não tem ensino superior, se fosse um negro jamais colocariam um negro na presidência, sendo que ele não tem ensino superior, todo mundo ia cair matando em cima dele, entendeu? Como que vão colocar uma pessoa negra que não tem ensino superior sabe? já por o Lula ser branco, não houve assim tanto, não caíram em cima dele, por ele não ter o ensino superior, então eu acho que se fosse um negro no lugar do Lula, jamais teria conseguido a presidência.

Josias (N): É o Lula, ele batalhou pra ta onde ele ta, ele era pobre, ele trabalhou do jeito que ele trabalhou, ele fez a fama dele, conseguiu conquistar pessoas ali onde ele trabalhava e conseguiu mostrar que ele é capaz. Ele é capaz e conseguiu conquistar o cargo que ele está hoje. Se fosse negro teria que batalhar para ta do jeito que ta.

Thaís (P): Se ele fosse negro, seria que ia mesmo?... Mesmo batalhando?

(ao fundo o grupo questionando sobre se fosse negro será que iria)

Isabela (P): A sociedade iria aceitar por ele ser negro? Eu acho que não.

Thaís e Isabela chamam atenção para a dificuldade enfrentada pelo negro. Se mesmo batalhando, não é possível, então parece que o racismo presente na sociedade fala mais alto.

Andréa coloca a educação como caminho importante para a resolução do problema, é preciso socializar novos valores através da educação para que as pessoas mudem atitudes, comportamentos:

Andréa (P): Eu acho que deveria ter uma reeducação a respeito de muitos valores, por exemplo, é essa parte da discriminação. Tem que haver uma mudança na mente das pessoas. Por que se ele fosse negro ele não poderia chegar lá? Por que essa pergunta? Só porque ele é negro? É como eles falaram mesmo cérebro, mesma capacidade.

Mesmo com a colocação de Andréa, a dúvida permanece:

Thaís (P): Mas e as pessoas e a sociedade?

Anita (?): Mas aqueles outros, Por exemplo, o negro está batalhando, batalhando, será que ele tem a oportunidade? Será que eles podem chegar lá, onde eles querem, será que as pessoas vão deixar? Aí fica a pergunta!

Josias aponta a “falta de batalha” do negro brasileiro e cita o exemplo dos Estados Unidos. Nesse ponto, acredito que, talvez, a observação que ele faz esclareça sua posição. Pois em um primeiro momento, a idéia que se tem é que o racismo nos Estados Unidos é bem mais “intenso”. Contudo, também é possível observar um desconhecimento sobre a trajetória histórica de organização e de lutas do movimento negro no Brasil.

Josias (N): Eu creio que não existe um negro no poder, eles não estão batalhando pra ter o que eles querem, eles estão batalhando para ter o poder, eles querem o poder, mas não querem lutar pra ter, querem chegar lá de um meio mais rápido.

Josias (N): Nos Estados Unidos, quem é que está se elegendo a Presidência dos Estados Unidos? É um negro!

Caetano (B): E, olha o prestígio que ele tem.... olha os atores nos Estados Unidos, o Will Smith, os caras que são todos grandão, os caras batalharam, meu. A sociedade lá é diferente.

Mediador: É aí que está. São situações, contextos diferentes... eu acho que a gente pode fazer a comparação, mas tem que ter essa noção... vocês querem falar sobre, podem falar também, fiquem à vontade, mas eu queria que vocês refletissem sobre toda consideração que ele fez sobre essa questão da presidência, o acesso do negro, porque o que ele fala, às vezes, quando o Josias fala, ele coloca um pouco da responsabilidade do não acesso a determinados lugares muito em cima do próprio negro. Vocês concordam com isso?

Anita (?): Não.

Mediador: Por quê?

Anita (?): Porque não é. Veja bem, os negros, vamos supor, estão tentando, mas e os brancos? Têm brancos vamos supor que, às vezes, eles não querem ver os negros onde os brancos estão, os negros querem chegar lá (risadas), mas o branco está impedindo, ele pode deixar, pode deixar, se ele não quiser deixar, e daí, **a gente** não tem oportunidade.

Anita falou “a gente”, reconheceu-se como negra (ela, que preferiu não indicar a cor, ao preencher o questionário). E reconheceu o impedimento que gera a desigualdade de oportunidade.

Josias (N): Cargo, cargo público é poder, se ele conseguiu chegar num patamar mais alto que outro embaixo, ele tem o direito de ver quem ele vai deixar entrar e quem ele não vai deixar entrar, porque se ele conseguiu chegar aonde ele está antes do outro, porque ele chegou primeiro que o outro, agora se os dois tiverem que batalhar o mesmo cargo, aí sim existiria racismo porque se os dois batalhassem o mesmo tanto, conseguissem o mesmo tanto ... e um se destaca-se pela cor. Mas um batalhar mais que o outro, e aquele que conseguiu menos conseguir entrar num lugar por causa de uma cota, aí sim haveria racismo. Isso é desmerecer a pessoa que estudou mais, batalhou mais. Isso é jogar aquele tempo que ele estudou no lixo.

Josias coloca o esforço individual como o fator que deve ser levado em consideração. Em sua fala percebemos a idéia de individualismo e da meritocracia. Apesar dessa postura, Josias havia respondido a questão 3 do questionário (Em sua opinião, o preconceito contra negros é um problema grave? Por quê?) da seguinte forma: “sim, nos excluem da sociedade”. Importante observar que ele diz: “nos excluem”. Isso quer dizer que se identifica como negro e que tem consciência da exclusão.

Thiane (P): Eu acho que isso é uma grande ironia o que o Josias falou. Todo mundo estuda o mesmo tanto. Frente a Constituição a gente é o mesmo, certo? Mas, para o negro tem as tais cotas, que **palhaçada** é essa, eu não entendo isso, não consigo entender, todos são iguais, mas uns têm cotas, o que é isso? O que significa isso? Não dá para entender isso.

Mediador: Você concorda ou discorda dele?

Thiane (P): Não, eu concordo com ele. Tipo eu e José, a gente estuda o mesmo tanto, ele vai entrar mais fácil na faculdade porque ele é negro? (risadas) Não, lógico que não.

Thiane concorda com Josias e acrescenta mais um princípio, o da igualdade. E descarta a possibilidade de discriminação, no caso positiva. Não entende o porque do suposto privilégio que considera uma “palhaçada”. Ela não leva em conta a desigualdade enfrentada pela população negra, apontada pelo próprio grupo.

Caetano (B): Porque não tem como uma pessoa nascer racista biologicamente, ela se torna a partir do que ela convive, do que ela aprende dentro de casa. Ela não nasce destinada a ser racista, não existe.

Isabela: Na escola é onde a gente vai formar a base da criança e do adolescente. Se na escola ele é acostumado a ter um convívio com negros, com diversas pessoas diferentes, obviamente ele vai levar isso por toda sua vida. Então na sociedade, ele vai fazer o quê, ele vai se comportar igual ao que ele se comportava na escola, porque essa foi a base dele. Então, aquilo ele vai levar para toda sua vida, independente de onde ele esteja aquilo vai estar sempre com ele. A minha base é esta, conviver com diversas pessoas diferentes, então lá fora vai ser igual. Não é porque eu vou chegar na faculdade, ah... eu sou negra, vou ficar distante daqueles, ou então eu sou branca não vou ficar perto dos negros. Porque na escola eu aprendi a conviver com todo mundo junto. Então, na faculdade eu não trabalho, na empresa... vai ser a mesma coisa, entendeu? E, aqui nesta escola não acontece isso de discriminação, todo mundo aprende a conviver junto. Então, por isso é que este assunto não é tão principal porque a nossa base já está formada, entendeu? Nós já aprendemos a conviver com pessoas diferentes. Então, por isso eles não dão muita prioridade para este assunto porque os professores vêm que não é tão necessário porque a base já está formada.

Caetano e Isabela ressaltam a importância de uma escola em que o convívio com as diferenças seja estimulado. E realmente a aceitação da diferença, da diversidade é um dos caminhos de um verdadeiro processo educativo. No entanto, a escola não é um terreno neutro. Contemplar pedagogicamente a diversidade implica repensar valores, as práticas, os conteúdos, o currículo a partir da realidade social. O currículo, assim como a cultura e o conhecimento são produzidos no contexto das relações sociais e de poder.

Nas considerações finais os alunos apontam alguns encaminhamentos, o papel da educação é enfatizado. Escola e família são as instituições apontadas como fundamentais para solucionar os problemas discutidos pelo grupo.

Caetano (B): Acho que o governo tinha que fazer alguma Lei, alguma proposta para os professores educarem as crianças, uma matéria diretamente, para começar a educar, a formar a cabeça da criança, já. E, se for só para aprender na rua, capaz que alguém ...

Andréa (P): Eu acho que a solução é reeducar mesmo. Porque tudo, a base é a educação, não só na escola, em casa, com a família, amigos, e a escola tem que complementar, entendeu? É isso.

Anita (?): Eu concordo com ela. A gente começa formar a opinião na família. Se a gente tem uma família que já é daquele jeito, que é racista, a tendência é ser racista. A escola só vai mudar.

Thaís (P): Eu concordo completamente com ela, mas a base é mesmo a família, a criança vai se espelhar nos pais e dependendo dos pais como eles forem, provavelmente, a criança vai ser igual. A escola ajuda, mas a base verdadeira é a família.

Josias (N): Se pensar que a família tenha resistência para mudança, se pensarmos que... no caso para mim seria que a escola tem sim, tem que ter um dos papéis mais importantes, se não o primeiro, o segundo mais importante. Isso porque nós vamos crescer no centro da família, tem que ter base pra tudo. Porque se na escola não tiver isso, vamos crescer com esse preconceito, vamos passar o preconceito para nossos filhos e aí sucessivamente.

As reflexões expostas pelos alunos durante o grupo focal estão muito próximas do senso comum. No entanto, algumas de suas considerações aproximam-se do conhecimento elaborado e mereceriam mais debates que permitissem adentrar nas contradições; outras são permeadas de “inculcações” ideológicas liberais. Sobre racismo, discriminação e preconceito raciais, os alunos apresentaram mais facilidade para percebê-los fora da escola. Algumas situações de preconceito no cotidiano escolar, incluídas as relações pedagógicas, foram apontadas nas respostas ao questionário, mas não se confirmaram no grupo focal.

O racismo é um tema bastante complexo, o racismo brasileiro não é uma exceção, ainda é muito comum a crença de que vivemos numa democracia racial, mesmo com um número significativo de trabalhos acadêmicos que já comprovaram que essa crença é meramente um mito. No entanto, essa pseudodemocracia racial continua fazendo a cabeça de muita gente. O grupo se enquadra próximo a essa perspectiva quando coloca os fenômenos de racismo, preconceito e discriminação raciais como um problema praticamente resolvido. É importante observar uma influência forte do ideal liberal, em vários momentos alguns princípios foram enfatizados no sentido de reforçar a igualdade entre negros e brancos: somos todos iguais. Do ponto de vista jurídico formal somos todos iguais, do ponto de vista biológico também, uma vez que, não é mais possível sustentar o antigo discurso racista que apregoava a superioridade da raça branca.

Mas essa igualdade não nos torna homogêneos, podemos pensar na singularidade de cada indivíduo, de cada sociedade, de cada cultura.

Como bem lembra Cury (2005, p.96):

A igualdade, conceito controverso, evolutivo, é dependente de variações sociocontextuais. Ele expressa relações entre classes ou grupos sociais distintos ante o nosso horizonte comum de seres humanos. (...)

A diferença – do latim *dispersar*, espalhar, semear –, por sua vez, é a característica de algo que distingue uma coisa da outra. Seu antônimo não é igualdade, mas identidade. [Idêntico tem a ver com *idem* (do latim = o mesmo). Tem a ver com *idiós* do grego e que significa o próprio, o singular – cf. nota 1]. Diferença ocorre sempre em relação a uma identidade (alguém, por exemplo) comparada a outra (um outro alguém). E, por serem múltiplas, as identidades são únicas. E, por vivermos em sociedade, elas se põem uma diante da outra, marcando assim a diferença. Ser igual não quer dizer ser idêntico. Uma mulher é igual a um homem, mas não são idênticos. Uma criança é tão pessoa humana como um adulto, mas ela guarda especificidades que a fazem simultaneamente um mesmo e um outro. (pp. 55-56).

Pensar na igualdade implica reconhecer as diferenças no sentido de valorizar os aspectos específicos de cada pessoa ou grupo, e não valorizar as diferenças para criar hierarquias. Em uma sociedade multirracial e pluricultural, como é o caso do Brasil, não podemos mais continuar pensando a cidadania e a democracia sem considerar a diversidade e não somente denunciar como lutar contra o tratamento desigual historicamente imposto aos diferentes grupos sociais e étnico-raciais.

Voltando à idéia de democracia racial, como podemos ter uma democracia racial em um país que apenas recentemente ensaia a elaboração políticas afirmativas, estando ainda longe de promover a cidadania plena dos descendentes de africanos escravizados? Num país que ainda está engatinhando no aprendizado de valorizar a imagem do povo negro, sua cultura e história? A desigualdade se expressa de diferentes formas, nos diferentes espaços: mercado de trabalho, educação, mídia, livro didático, nos quadros políticos, etc. Desigualdade é algo que se percebe na história do negro no Brasil. Colonialismo, exploração com direito a trabalhos forçados, ser reduzido ao *status* de coisa, de objeto, mercadoria. E mesmo nestas condições, o povo negro não perdeu toda sua memória. Conservou na medida do possível – e do impossível – a chama dessa memória ancestral. E a partir daí foi recriando, reinventando esse modo de ser, de estar, de fazer afrodescendente, afro-brasileiro. No entanto,

É possível afirmar que a história e a cultura negras estão na escola pela presença dos negros que lá se encontram, mas não devidamente valorizados dentro dos projetos pedagógicos, currículos ou materiais didáticos, de forma contextualizada, explícita e intencional... Na realidade, a maioria das escolas ainda não reconhece e acolhe a cultura, a história e os valores da população negra em sua dinâmica cotidiana – currículos, princípios e práticas pedagógicas (MEC/SECAD, 2006, pp. 84-85).

Uma história de dor, de sofrimento, humilhação, mas que não se limita a esses sentimentos. A história do negro no Brasil é também uma história de resistência, de organização, de lutas, de muita criatividade. É motivo, com certeza, de orgulho para os negros, se for contada nesta perspectiva de resistência, de desejo de transformação, de afirmação. E para quem não é negro é motivo de respeito.

A questão do racismo deve ser apresentada à comunidade escolar de forma que sejam permanentemente repensados os paradigmas, em especial os eurocêntricos, com que fomos educados. Não nascemos racistas, mas nos tornamos racistas devido a um histórico processo de negação da identidade e de “coisificação” dos povos africanos. E a luta contra o racismo, em nosso país, vem possibilitando que sejam discutidos temas significativos para a compreensão de todo esse processo, mostrando a resistência dos africanos e seus descendentes, que não se submeteram à escravidão, que se rebelaram e que conseguiram manter vivas as suas tradições culturais (MEC/SECAD, 2006, p. 56).

O exame das falas dos sujeitos apresenta indícios de que as questões étnico-raciais não são trabalhadas sistematicamente nos componentes curriculares do terceiro ano do Ensino Médio na escola pesquisada, não obstante ser de conhecimento de alguns educadores a existência da legislação federal que torna obrigatório o ensino da História da África e da Cultura Afro-brasileira na Educação Básica (Lei nº 10.639/2003, modificada pela Lei 11.645/2008). Os estudantes, por sua vez, manifestam posições contraditórias acerca desse tratamento, revelando compreensões mais afeitas ao senso comum, não raro estereotipadas e até preconceituosas. A conclusão a que se chega é que, se a mera obrigatoriedade não garante que o assunto seja tratado, por outro lado a sua existência pode provocar reflexões importantes.

Segundo GOMES (2008, p.72):

Maior conhecimento das nossas raízes africanas e das participações do povo negro na construção da sociedade brasileira haverá de nos ajudar na superação de mitos que discursam sobre a suposta indolência do africano escravizado e a visão desse como selvagem e incivilizado. Essa revisão histórica do nosso passado e o estudo da participação da população negra brasileira no presente poderão contribuir também na superação de preconceitos arraigados em nosso imaginário social e que tendem a tratar a cultura negra e africana como exóticas e/ou fadadas ao sofrimento e à miséria.

Do ponto de vista pedagógico, a superação dos preconceitos sobre a África e o negro brasileiro poderá causar impactos positivos, proporcionando uma visão afirmativa acerca da diversidade étnico-racial e entendendo-a como uma riqueza da nossa diversidade cultural e humana. Do ponto de vista político, essa mesma visão deverá sempre ser problematizada à luz das relações de poder, de dominação e dos contextos de desigualdade e de colonização. No entanto, há também outro impacto que tal discussão poderá acarretar e que incide sobre outra esfera mais profunda e talvez mais complexa: a subjetividade de um grande contingente de pessoas negras e brancas que passam pela educação básica.

Na atualidade, a escola e seu currículo estão sendo impelidos a incluir tal discussão não só na mudança de postura dos profissionais da educação diante da diversidade étnico-racial, como também na distribuição e organização dos conteúdos curriculares. No entanto, isso requer melhor preparo dos docentes quanto a questões científicas, éticas, culturais e políticas que a temática envolve.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No Brasil, o preconceito, a discriminação e o racismo ainda são sérios problemas. Por um lado, por causa da influência do mito da democracia racial, da ideologia do embranquecimento, pelo silêncio em relação ao assunto, pela lentidão no enfrentamento e encaminhamento de soluções efetivas. Por outro lado, porque produz sofrimento, medo, tristeza, exclusão, desigualdade, indiferença, morte. No entanto, o racismo presente entre nós nos sugere algo importante, temos que estar atentos. Diante de um problema ardiloso como é o racismo brasileiro, a atenção, o foco não pode ser perdido. Há muito por se fazer. E ainda que o processo seja lento, podemos perceber mudanças importantes que estão acontecendo, mudanças pequenas diante desse monstro “invisível”, mas que contribuem para uma mudança maior. Hoje temos a Lei 11.645/08 que significa um avanço para a sociedade brasileira. A educação sempre esteve presente nas demandas do movimento negro. Seja numa perspectiva assimilacionista que visava integrar o negro na sociedade, ou a diferencialista em que é colocada a importância da história do negro, sua cultura, da identidade racial, de sua negritude.

Em relação ao trabalho desenvolvido, acredito que a percepção de alunos do ensino médio, no caso desta pesquisa, alunos do 3º ano, seja algo relevante. Mais uma etapa a se concluir em suas trajetórias na escola e novos desafios pela frente.

Os jovens que participaram da pesquisa se situaram em relação à percepção do preconceito, da discriminação e do racismo numa posição muito próxima à visão do senso comum, indicando, de certa forma, a influência da ideologia da democracia racial. A conclusão a que chegamos, em nossa conversa, no grupo focal, foi que, para esses alunos, o preconceito e a discriminação raciais estão superados; o racismo também, pelo menos na escola pesquisada, no seu cotidiano, nas relações entre os diversos sujeitos, eles não estão presentes.

Ainda assim, apontaram que a educação é um caminho fundamental, pois é necessário reeducar as pessoas. Ninguém nasce preconceituoso, há que se ter cuidado, sobretudo, com os mais novos, as crianças. Segundo a opinião compartilhada pelo grupo, as pessoas mais velhas oferecem mais resistência às mudanças.

No entanto, houve uma mudança de postura no grupo focal. Pois, ao responder os questionários, os alunos indicaram um caminho. Depois, já no grupo focal, a situação se modificou. A escola, por exemplo, nas respostas aos questionários, tratava de temas relacionados ao negro, sua história e cultura; a presença do preconceito de aluno em relação aluno no dia a dia da escola também foi apontada no questionário.

No grupo focal isso não se confirmou. Ali ficou mais evidente que a temática realmente não é tratada no dia a dia da escola, nem mesmo nas comemorações e festas. Por esse motivo, acredito que a escola não tenha feito, pelo menos, uma boa mediação no sentido de reforçar a importância da diversidade cultural, enfatizando, por exemplo, a questão da identidade racial. Como foi indicado na ficha de caracterização da unidade escolar (Anexo 3), não há um projeto específico para tratar a temática. Ou, como os alunos

disseram, essa temática não é uma prioridade na escola. Isabela chegou a falar da importância da diferença na escola, do convívio com pessoas diferentes, e que na escola não há mesmo esse tipo de discriminação. Segundo ela, isto não acontece porque já existe uma base formada. Essa colocação me deixou intrigado. Se o assunto não é tratado, não é uma prioridade, como foi construída essa base? Deveria ser o contrário. Ou seja, para haver uma base sólida, o assunto deveria estar incluído de forma mais significativa no cotidiano, no currículo, no projeto político pedagógico. Como a escola pesquisada é uma escola bem-conceituada junto à comunidade, esta inclusive deveria ser envolvida, convidada para elaborar, inclusive, um projeto realmente amplo. A escola pesquisada apresenta características bem marcantes, diferentes de outras escolas: é muito bem conservada, os muros não têm arame, as janelas não têm grades, todas as vezes que fui à escola encontrei as portas abertas, sempre fui muito bem recebido, tanto pelos profissionais da escola, como pelo alunos. Acredito que mais esta parceria, porque já existem outras com a comunidade local, daria certo, pois existe abertura por parte da escola. E o apoio do entorno, a participação das pessoas nas discussões de propostas para atendimento à Lei 11.645/08, tais como as orientações curriculares referentes, são importantes, pois trazem para o ambiente da escola um pouco da visão de mundo das famílias, dos grupos dos movimentos sociais existentes, ex-alunos etc.

Voltando ao grupo focal, um ponto que chamou atenção foi a maneira como os estudantes se referiam aos negros. Alguns que se autodeclararam pardos e negros falavam do negro como se o negro fosse o “outro”, isso indica a distância em que eles se encontram da tal identidade racial. É claro que essa questão da identidade racial é complexa. Nas palavras de Gomes (2001, p.88):

... a dificuldade existente entre a maioria da população brasileira quanto à identificação racial é fruto da construção histórica de negação, do desprezo e do medo do diferente, sobretudo quando este se relaciona diretamente à herança ancestral africana.

Acredito ser da maior importância oportunizar aos jovens essa possibilidade de romper essa “barreira”. A escola é um espaço em que as identidades se constroem, mas não é o único. Os alunos circulam por diferentes espaços. Vivem trajetórias duras, as quais são ignoradas, na maioria das vezes, pelas escolas e pelos educadores.

A discriminação racial, de acordo com Nascimento (2001, p. 121) tem sido identificada como fator de estímulo à evasão escolar e indutor de baixa-estima entre alunos afro-brasileiros, prejudicando seu rendimento escolar, aumentando a possibilidade de repetência e reduzindo sua frequência às salas de aula.

O sistema escolar, segundo Arroyo (2007, p. 116) se pensa a si mesmo como inerentemente igualitário e universalista, porém uma igualdade e universalidade concebidas em abstrato, não concebidas no diálogo com a diversidade racial, mas para silenciá-la.

Daí que persistentemente o sistema venha ignorando a questão racial. Se todos são iguais em abstrato não existem desiguais nem diferentes. O silenciamento da questão racial é uma consequência (...) a mesma concepção igualitária e de universalismo inspira o pensamento pedagógico, as didáticas e as teorias do currículo e os cursos de formação. O diálogo aí é igualmente tenso.

No que diz respeito aos pesquisadores de temáticas relativas à população negra, algumas considerações importantes são feitas por Silva (2005, pp. 27-28):

(...) vemo-nos constrangidos por fundamentos científicos e roteiros de pesquisa estabelecidos, quase sempre, nos limites de pensamento eurocêntrico, elitista e monocultural. Em outras palavras, as perspectivas teórico-metodológicas mais divulgadas e aceitas guiam-se por conceitos, como os de objetividade e de universalismo, que ignoram a diversidade de origem étnico-racial, de classe social, de condições e experiências de vida, de escolhas identitárias, de lutas por reconhecimento e de direitos diferentes grupos atuantes na sociedade, ainda que sua atuação seja por tal sociedade tida como sem mérito.

Formados com base em princípios e estratégias educacionais racistas, nós pesquisadores temos dificuldades, tanto de ordem ideológica como material, para nos acercar de conhecimentos produzidos fora do eixo Europa-Estados Unidos (...) mesmo assim, vimos realizando, em diferentes espaços e tempos, pesquisas rigorosamente científicas, na perspectiva de uma visão de mundo de raiz africana e com o objetivo de participar de ações políticas por reparações e reconhecimento dos negros.

A partir dessas pesquisas, dessa perspectiva diferenciada, dos debates, das reflexões feitas, contribuições importantes foram dadas. Silva menciona (Ibidem, p. 30) que

pesquisas realizadas particularmente nos anos 1990 e início dos 2000 foram fundamentais para a elaboração do parecer do Conselho Nacional de Educação 003/2004 e da resolução CNE/CP001/2004 que tratam das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

No entanto, apesar de certo avanço registrado em relação à produção científica sobre a temática, é ainda pequena a quantidade de trabalhos acadêmicos que buscam ouvir a voz dos estudantes sobre preconceito, discriminação e racismo no cotidiano da escola,

conforme revela o levantamento da produção acadêmica sobre o tema desta pesquisa. Diante disso, esperamos que este trabalho contribua para as reflexões acerca dessa problemática.

REFERÊNCIAS

ABROMOWICZ, A. L.; BARBOSA, M. A.; SILVÉRIO, R. S. (ORGs.). **Educação como prática da diferença**. Campinas, São Paulo: Armazém do Ipê, 2006.

ABROMOWICZ, A. L.; SILVÉRIO, R. S. (ORGs.). **Afirmando Diferenças – mostrando o quebra cabeça da diversidade na escola**. Campinas, SP:Papirus, 2005.

ARROYO, M. G. **A Pedagogia multirracial popular e o sistema escolar**. In: Gomes, N. L. **Um olhar além das fronteiras: educação e relações raciais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

BORGES, E.; MEDEIROS, C. A.; D' ADESKY, J. **Racismo, preconceito e intolerância**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CANDAU, V. M. (ORGs.). **Reinventar a escola**. Petrópolis: Rio de Janeiro:Vozes, 2000.

_____ **Somos todos iguais? Escola, discriminação e educação em direitos humanos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

CARDOSO, E. L. **Relatório de Doudou Diène terá algum impacto no sistema ONU no Brasil?** Disponível em: <http://www.irohin.org.br/imp/n15/07.htm>

CAVALLEIRO, E. S (ORGs.). **Racismo e Anti-racismo na educação – repensando a escola**. São Paulo: Selo Negro, 2001.

CHAVES, A.J.F. **Florestan Fernandes: um sociólogo pensando a Educação – Idéias Educacionais de Florestan Fernandes – décadas 40-60**. São Paulo: PUC-SP. Tese de Doutorado, 1997.

CURY, Carlos Roberto Jamil. **Os fora de série na escola**. Campinas / SP: Armazém do Ipê (Autores Associados). 2005.

DAYRELL, J. (Org.). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

FERNANDES, F. **O negro no mundo dos brancos**. 2ª Ed. Revista. São Paulo: Global, 2007.

FORQUIM, J. C. **As bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

FRENTE 3 DE FEVEREIRO. **Zumbi somos nós – Cartografia do racismo para o jovem urbano**. São Paulo, s/d.

GATTI, B. A. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Líber Livro Editora, 2005.

GOMES, N. L. **Diversidade cultural, currículo e a questão racial**. In: ABROMOWICZ, A. L.; BARBOSA, M. A.; SILVÉRIO, R. S. (ORGs.). Educação como prática da diferença. Campinas, São Paulo: Armazém do Ipê, 2006.

_____ **Um olhar além das fronteiras: educação e relações raciais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

_____ **Educação cidadã, etnia e raça: o trato pedagógico da diversidade**. In: CAVALLEIRO, E. S (ORGs.). Racismo e Anti-racismo na educação – repensando a escola. São Paulo: Selo Negro, 2001.

HENRIQUES, R. **Desigualdade racial no Brasil: evolução das condições de na década de 90**. Brasília, IPEA, 2001.

INSTITUTO INTERAMERICANO DE DIREITOS HUMANOS. **Maleta didática educação para cidadania**. Anistia Internacional, São José, Costa Rica, 1995.

IPEA. **Desigualdades raciais, racismo e políticas públicas: 120 anos após a abolição**. Comunicado da Presidência, n. 4, Brasília, maio, 2008.

MEC/SECAD. **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: SECAD, 2006. Disponível também em: <http://portal.mec.gov.br/secad>

MEDEIROS, C. A. **Na lei e na raça**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

MOURA, C. **Dialética do Brasil Negro**. São Paulo: Ed. Anita, 1994.

NASCIMENTO, E. L. **Sankofa e identidade afrodescendente**. In: CAVALLEIRO, E. S. (ORGs.). Racismo e Anti-racismo na educação – repensando a escola. São Paulo: Selo Negro, 2001.

OLIVEIRA, Dennis de. **Racismo estrutural - Apontamentos para uma discussão conceitual**. Disponível em: http://www.movimientos.org/dhplural/foro-racismo/noticias/show_text.php

ROSEMBERG, F. **Raça e desigualdade educacional no Brasil**. In: Aquino, J. G. (Org.). Diferença e preconceito na escola: alternativas teóricas e Práticas. São Paulo: Summus, 1998.

SACRISTÁN, G. J. **Currículo e diversidade cultural**. In; Silva, T. T. e Moreira, A. F.. território contestados. Petrópolis, Vozes, 1995.

SANTOS, J.R. **O Que é Racismo**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1988.

SILVA, M. A. **Formação de educadores/as para o combate ao racismo: mais uma tarefa essencial**. In: CAVALLEIRO, E. S (ORGs.). Racismo e Anti-racismo na educação – repensando a escola. São Paulo: Selo Negro, 2001.

SILVA, P. B G. **Prática do racismo e formação dos professores**. In: DAYRELL, J. (Org.). Múltiplos olhares sobre educação e cultura. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

SILVA, T. T DA. **Currículo e identidades social: territórios contestados**. In: Silva, T. T. (Org.). Alienígenas na sala de aula. Petrópolis, vozes, 1995.

SISS. A. **Afro-brasileiros, cotas e ação afirmativa: razões históricas**. Rio de Janeiro: Quartet; Niterói: PENESB, 2003.

TELLES, E. E. **Racismo à brasileira: uma nova perspectiva sociológica**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Fundação Ford, 2003.

A N E X O S

01. Dissertações e Teses sobre Educação e Preconceito Racial
02. Trabalhos apresentados no GT 21 (Afro-brasileiros e Educação) da ANPED
03. Ficha de Caracterização da Unidade Escolar (Modelo)
04. Questionário (Modelo)
05. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Modelo)
06. Transcrição do Grupo Focal

Anexo 1

Dissertações e Teses sobre Educação e Preconceito Racial

Fonte: CAPES / Banco de Teses (www.capes.gov.br)

Mestrado	Autor/a	Inst./Programa	Ano	Orientador/a	Título	Área
01	ALESSANDRO FUENTES VENTURINI	PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO	2003	NELSON NERY JUNIOR	O Racismo como Poluição Ambiental: a discriminação social, econômica e cultural na realidade brasileira	DIREITO
02	AMÁLIA NASCIMENTO DO SACRAMENTO	UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA	2005	Enilda Rosendo do Nascimento	O quesito cor na assistência pré natal: representações de gestantes e de profissionais.	ENFERMAGEM
03	André Damasceno Brown Duarte	UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO	2006	Nilda Guimarães Alves	Histórias em quadrinhos sobre culturas afro-descendentes na educação	EDUCAÇÃO
04	Andréa das Graças de Souza	UNIVERSIDADE EST.PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO	2003	Irene Sales de Souza	Adoção inter-racial (brancos e negros): filhos por adoção, pais verdadeiros	SERVIÇO SOCIAL
05	Angela Ernestina Cardoso de Brito	UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS	2003	Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva	Educação de filhos mestiços em famílias inter-raciais	EDUCAÇÃO
06	Aparecida Italiano Simão	UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS	2005	Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva	Preconceito e discriminação sentidos e observados por alunos de 5ª série e suas propostas para melhorar o convívio na escola	EDUCAÇÃO
07	Carmen Lúcia de Oliveira	UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA	2006	Karla Adriana Martins Bessa	Imaginário, racialização e identidades percebidas de mulheres negras escolarizadas (Uberlândia, 1950-1969)	HISTÓRIA
08	Cássia Fabiane dos Santos	UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO	2004	Maria Lúcia Rodrigues Müller	Trajetória Escolar de Alunos dos Cursos de História, Economia e Direito	EDUCAÇÃO

09	Cátia Simone Ribeiro Barcellos	UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS	2006	Maria Manuela Alves Garcia	A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE ESTUDANTES AFRO-BRASILEIROS/AS E SUAS EXPERIÊNCIAS ACADÊMICO-UNIVERSITÁRIAS EM CURSOS DE LICENCIATURA DA UFPEL	EDUCAÇÃO
10	Claudia Regina de Paula	UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE	2004	André Augusto Pereira Brandão	Trajetórias de homens negros no magistério: experiências narradas	POLÍTICA SOCIAL
11	DIRCENARA DOS SANTOS SANGER	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL	2003	Carmen Lucia Bezerra Machado	Para além do ingresso na universidade - radiografando os cursos pré-vestibulares para negros em Porto Alegre	EDUCAÇÃO
12	Eneida de Souza Lopes	UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA	2003	Roberto Alves Monteiro	TIRANDO A CULTURA DAS TOCAS" : DA EXCLUSÃO À CIDADANIA - UMA TRAJETÓRIA AFRO-DESCENDENTE	EDUCAÇÃO
13	Engels Câmara	UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS	2004	Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva	Capoeira Angola: uma contribuição à prática do professor no reconhecimento e valorização da comunidade afro-descendente	EDUCAÇÃO
14	Eva Aparecida da Silva	UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS	2003	NEUSA MARIA MENDES DE GUSMÃO	Presença e Experiência da Mulher Negra Professora em Araraquara/SP	EDUCAÇÃO
15	Fernanda Paulo de Carvalho Motta	UNIVERSIDADE EST. PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO/	2005	Helen Barbosa Raiz Engler	O Tema Transversal Pluralidade Cultural: a Possibilidade da Igualdade Étnica e Cultural no Ambiente Escolar ou Atualidade do Mito da Democracia Racial	EDUCAÇÃO
16	Janeslei Aparecida Albuquerque	UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ	2003	Tânia Maria Baibich	O racismo silencioso em escolas públicas de Curitiba: Imaginário, Poder e Exclusão Social	EDUCAÇÃO
17	Luciana Maria Crestani	UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO	2002	José Gaston Hilgert	A representação do negro em livros didáticos de Língua Portuguesa	EDUCAÇÃO

18	Marcilene Garcia de Souza	UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ	2003	PEDRO RODOLFO BODÊ DE MORAES	JUVENTUDE NEGRA E RACISMO: o movimento hip hop em Curitiba e a apreensão da imagem de "Capital Européia" em uma "harmonia racial"	SOCIOLOGIA
19	MARIA ISABEL DE JESUS COSTA CANELAS	INSTITUIÇÃO TOLEDO DE ENSINO	2001	GISELDA MARIA FERNANDES NOVAES HIRONAKA	A RESPONSABILIDADE CIVIL DECORRENTE DO DANO CAUSADO POR DISCRIMINAÇÕES INJUSTAS	DIREITO
20	MARIA JOSÉ DA SILVA SANTOS DE PAULO	PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ	2000	LILIAN ANNA WACHOWICZ	Educação e relações raciais: o desafio da docência frente à diversidade do cotidiano	EDUCAÇÃO
21	Maria José dos Santos Vertuan	UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA	2004	Silvio Ancisar Sanchez Gamboa	PRECONCEITO RACIAL E EDUCAÇÃO: O COTIDIANO NUMA ESCOLA PÚBLICA DO NORTE DO PARANÁ	EDUCAÇÃO
22	Marilene Leal Paré	PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL	2000	JUAN JOSÉ MOURIÑO MOSQUERA	Auto-Imagem e Auto-Estima na criança negra: um olhar sobre o seu desempenho escolar	EDUCAÇÃO
23	Maristela Abadia Guimarães	UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO	2006	Maria Lúcia Rodrigues Müller	No meio do caminho tinha uma discriminação, tinha uma discriminação no meio do caminho: o potencial transformador das cotas raciais	EDUCAÇÃO
24	Marta Maria Rocha Accioli	UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ	2006	José Heder Benatti	Democracia Racial: Verdade ou Miro?	DIREITO
25	Mylene Wirgues Paese	UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO	2002	Antonio Carlos Maximo	Educação, Discriminação e Luta: Alunos dos Assentamentos Bojuí e Caeté na Escola Pública de Ensino Fundamental Benedito Moreira da Silva	EDUCAÇÃO
26	NILMA LINO GOMES	UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS	1994	ELIANE MARTA SANTOS TEIX LOPES	A TRAJETÓRIA ESCOLAR DE PROFESSORAS NEGRAS E SUA INCIDENCIA NA CONSTRUCAO DA IDENTIDADE RACIAL	EDUCAÇÃO

27	PATRÍCIA MARIA DE SOUZA SANTANA	UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS	2003	Ana Maria Rabelo Gomes	Professores(as) negros(as) e relações raciais percursos de formação e transformação	EDUCAÇÃO
28	RICARDO BARBOSA ALVES	PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO	2005	OSWALDO HENRIQUE DUEK MARQUES	RACISMO E AÇÕES AFIRMATIVAS	DIREITO
29	Rosana Aparecida Peronti Chiarello	UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS	2003	Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva	Preconceitos e discriminações raciais: um olhar de professoras sobre seus(suas) alunos(as) negros(as)	EDUCAÇÃO
30	Rosângela Costa Araújo	UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO	1999	Helenir Suano	Sou Discípulo que Aprende, meu Mestre me Deu Lição: Tradição e Educação entre Angoleiros Bahianos (Anos 80 e 90)	EDUCAÇÃO
31	SILVIO RICARDO DA SILVA	UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA	1994	RUY JORNADA KREBS	Estudo da discriminação racial nas aulas de Educação Física nas turmas de quarta série do 1º grau da Escola Estadual Effie Hoffs-Vicosa, MG	EDUCAÇÃO FÍSICA
32	VANESSA REGINA ELEUTÉRIO MIRANDA DE OLIVEIRA	UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS	2002	Lucíola Licínio de Castro Paixão Santos	Currículo e questão racial nas práticas escolares	EDUCAÇÃO
33	Washington Carlos Oliveira Campos	UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA	2003	Cipriano Carlos Luckesi	Ludicidade e Educadores ludicidade, cidadania e autoconhecimento na história de vida de educadores;	EDUCAÇÃO
Doutorado	Autor/a	Inst./Programa	Ano	Orientador/a	Título	Área
01	Ana Lúcia Lopes	UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO	2006	Eunice Ribeiro Durham	Caminhos de descaminhos da inclusão : o aluno negro no sistema educacional	CIÊNCIA SOCIAL

02	ANDRELINO DE OLIVEIRA CAMPOS	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO	2006	MARCELO JOSE LOPES DE SOUZA	O planejamento urbano e a "invisibilidade" dos afrodescendentes: DISCRIMINAÇÃO ÉTNICO-RACIAL, INTERVENÇÃO ESTATAL, SEGREGAÇÃO SÓCIO-ESPACIAL NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO	GEOGRAFIA
03	Antonio Jorge Gonçalves Soares	UNIVERSIDADE GAMA FILHO	1998	Hugo Rodolfo Lovisolfo	Futebol, Raça e Nacionalidade no Brasil: releitura da história oficial	EDUCAÇÃO FÍSICA
04	Eliane dos Santos Cavalleiro	UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO	2003	Petronilha Beatriz Goncalves e Silva	Veredas das noites sem fim :um estudo com famílias negras de baixa renda sobre o processo de socialização e a construção do pertencimento racial	EDUCAÇÃO
05	MOEMA DE POLI TEIXEIRA	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO	1998	GIRALDA SEYFERTH	NEGROS EM ASCENSÃO SOCIAL: TRAJETÓRIAS DE ALUNOS E PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS NO RIO DE JANEIRO	ANTROPOLOGIA
06	WILMA DE NAZARE BAIA COELHO	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE	2005	JOSE WILLINGTON GERMANO	A COR AUSENTE: UM ESTUDO SOBRE A PRESENÇA DO NEGRO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES	EDUCAÇÃO

Dissertações e Teses – Ensino Médio e Preconceito Racial

Mestrado/Doutorado	Autor/a	Inst./Programa	Ano	Orientador/a	Título	Área
M 01	Maria José da Silva de Santos Paulo	PUC-Paraná	2000	Lilian A. Wachowicz	Educação e relações raciais: o desafio da docência frente a diversidade do cotidiano	Educação
M 02	Carmem Lúcia de Oliveira	U.F. de Uberlândia	2006	KARLA A. M. BESSA	Imaginário e identidades percebidas de mulheres negras escolarizadas	História
D 01	ANA LÚCIA LOPEZ	USP	2006	EUNICE RIBEIRO DURHAM	O aluno negro no sistema educacional	Ciência Social

Dissertações e Teses – Ensino Médio e Relações Raciais

Mestrado/ Doutorado	Autor/a	Inst./Programa	Ano	Orientador/ a	Título	Área
M 01	EDMAR JOSÈ DA ROCHA	PUC-SP	2005	FÚLVIA M. ROSEMBERG	Auto-declaração de cor e/ou raça entre alunos(as) paulistanos(as) do ensino fundamental e médio	Psicologia
M 02	LORI HACK DE JESUS	UFMT	2005	MARIA L. R. MÜLLER	TRAJETÓRIA DE VIDA DE ALUNOS NEGROS DO ENSINO MÉDIO DA CIDADE DE TAPURAH/MT	Educação
D 01	CÉLIA M. ESCANFELLA	PUC-SP	2006	FÚLVIA M. ROSEMBERG	Literatura infanto-juvenil Brasileira e religião: uma proposta de interpretação ideológica da socialização	Psicologia

ANEXO 02

TRABALHOS DO GT 21 DA ANPEd

Fonte: www.anped.org.br

25ª (2002)

DA ESCOLARIDADE À OCUPAÇÃO: RAÇA E DESIGUALDADES SOCIAIS EM ÁREAS

André Augusto Pereira Brandão (UFF)

FORMAÇÃO DE PROFESSORES INDÍGENAS - UM ESTUDO DE CASO

Antônio Jaco Brand (UCDB)

PROFESSORA NEGRA NUMA COMUNIDADE BRANCA - SUPERANDO BARREIRAS NA CONQUISTA DE UM ESPAÇO

Dolores Schussler (UFMT)

ALGUMAS COMUNIDADES NEGRAS RURAIS DO PIAUÍ E A ESCOLA: O QUE HÁ PARA ENTENDER

Francis Musa Boakari; Ana Beatriz Sousa Gomes (UFPI)

CULTURA ESCRITA E ESCRAVIDÃO - REFLEXÕES EM TORNO DAS PRÁTICAS E USOS DA ESCRITA ENTRE ESCRAVOS NO BRASIL

Maria Cristina Cortez Wissenbach (USF)

TRAJETÓRIAS ESCOLARES, CORPO NEGRO E CABELO CRESPO: REPRODUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS E/OU RESSIGNIFICAÇÃO CULTURAL?

Nilma Lino Gomes (UFMG)

AS INSULARIDADES DOS DISCURSOS E AS TRIVIALIDADES DAS PRÁTICAS DE PROFESSORES(AS) DE UMA ESCOLA PÚBLICA PERANTE AO RACISMO, PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO RACIAL

Rosângela Souza da Silva (UNEB)

NEGRO, EDUCAÇÃO E ASCENSÃO SOCIAL

Tereza Josefa Cruz dos Santos (UFMT)

26ª (2003)

EDUCAÇÃO, CIDADANIA E MULTICULTURALISMO

Ahyas Siss - UFF/PENESB/UNIVERSO (CAPES)

DESIGUALDADE NO ENSINO SUPERIOR: COR, STATUS E DESEMPENHO

Delcele Mascarenhas Queiros - UNEB

*OS "QUADROS NEGROS" DE ESCOLAS PÚBLICAS: TRABALHO E SAÚDE DA
FUNCIONÁRIA NEGRA*

Fátima Machado Chaves - SME / Rio de Janeiro (CAPES)

*MATRIZES IMAGINÁRIAS E ARQUETIPAIS DO NEGRO COMO MAL NO
PENSAMENTO EDUCACIONAL DO OCIDENTE.*

Julvan Moreira de Oliveira - FEUSP (CAPES)

PRECONCEITO RACIAL E DISCRIMINAÇÃO NO COTIDIANO ESCOLAR

Maria Elena Viana Souza (CAPES)

EDUCAÇÃO E DESIGUALDADE RACIAL. POLÍTICAS DE AÇÕES AFIRMATIVAS

Maria Valéria Barbosa Veríssimo - UNESP

*IDENTIDADE NEGRA E ESPAÇO EDUCACIONAL: VOZES, HISTÓRIAS E
CONTRIBUIÇÕES DO MULTICULTURALISMO*

Marta Diniz Paulo de Assis - FE / UFRJ

Ana Canen

Trajetórias de Professores Universitários Negros em Mato Grosso

Tereza Josefa Cruz dos Santos - UFMT

FRONTEIRAS ÉTNICO-CULTURAL E GEOGRÁFICA: INDAGAÇÕES PARA
EDUCAÇÃO SOBRE A (RE) CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DE SUJEITOS MIGRANTES

Jacira Helena do Valle Pereira – UFMS (UFMS/CAPES)

27ª (2004)

EDUCAÇÃO E RELAÇÕES RACIAIS: FAMÍLIA, SUCESSO ESCOLAR E A PERCEPÇÃO
DE ALGUNS UNIVERSITÁRIOS NEGROS SOBRE A COR

Andréia Maria da Cruz Oliveira Amorim - NEPRE/UFMT,

Maria Lúcia Rodrigues Muller - NEPRE/UFMT

A ESCRITA É UM PROCESSO DIFÍCIL! (O QUE PENSAM ESTUDANTES ORIUNDOS
DE PRÉ-COMUNITÁRIOS SOBRE A LEITURA E A ESCRITA NA UNIVERSIDADE)

Cláudia Hernandez Barreiros – UERJ/PUC-Rio

AVALIANDO UM PRÉ-VESTIBULAR VOLUNTÁRIO PARA NEGROS POBRES

André Augusto Brandão - UFF (Fundação FORD)

MOVIMENTOS DE EDUCAÇÃO POPULAR: um estudo sobre os Pré-Vestibulares para Negros e Carentes no Estado do Rio de Janeiro

Nelia Regina dos Santos de Paulo – FEFIS

JUVENTUDE, PRÁTICAS CULTURAIS E NEGRITUDE: O DESAFIO DE VIVER MÚLTIPLAS IDENTIDADES

Nilma Lino Gomes - FAE/UFMG (FAPEMIG/CNPQ)

ROMPENDO O SILÊNCIO COM O MÉTODO SOCIOPOÉTICO: A DESNATURALIZAÇÃO DO PRECONCEITO RACIAL NA ESCOLA

Sandra Haydée Petit – UFC

REFLEXÕES SOBRE A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA NUM QUILOMBO PELO VIÉS DA HISTÓRIA ORAL

Maria Clareth Gonçalves Reis – UFF

MEMÓRIA, TRADIÇÃO ORAL E A AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE ÉTNICA.

Acildo Leite da Silva- UERJ/PENESB

POLÍTICA EDUCACIONAL E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE NO ESPAÇO ESCOLAR: CRIANÇAS NEGRAS

Maria Valeria Barbosa Veríssimo – UNESP/USP

28^a (2005)

FONTES PARA A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DA POPULAÇÃO NEGRA EM SÃO

PAULO

Surya Aaronovich Pombo de Barros – USP

RAÇA, ESCOLHAS E SUCESSO NO VESTIBULAR: QUE PROFISSÃO VOCÊ VAI TER

QUANDO CRESCER?

André Brandão– UFF

Mani Tebet de Marins– UFF

Anderson P. da Silva– UFF

(Fundação Ford – CNPq – PIBIC – UFF)

VESTÍGIOS CRIoulos NA FALA RURAL DE SÃO PAULO

Mary Francisca do Careno– UNAERP

(FUNDUNESP – FAPESP)

EDUCAÇÃO SUPERIOR: A IMPORTÂNCIA DAS “REDES DE APOIO” NA

TRAJETÓRIA ESCOLAR DE ALUNOS NEGROS UNIVERSITÁRIOS

Edmara da Costa Castro Castro– NEPRE-UFMT

(FAPEMAT)

CINCO DISCURSOS SOBRE AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO BRASIL

José Augusto Conceição– GENTES

PERCEPÇÕES DE ALUNOS E PROFESSORES SOBRE A DISCRIMINAÇÃO RACIAL

NO LIVRO DIDÁTICO

Candida Soares da Costa– UFMT

RECONSTRUINDO A MEMÓRIA DE UM PROJETO ESCOLAR PARA NEGROS

CUNHA, Perses Maria Canellas da

CADERNOS DE PERGUNTAS: RECURSOS PARA A DISCUSSÃO DE IDENTIDADES

AFRO-DESCENDENTES COM ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Luis Carlos Ferreira– UERJ

A QUESTÃO DO NEGRO E POLÍTICAS PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO

MULTICULTURAL: AVANÇOS E LIMITAÇÕES

Gonçalves, Luciane Ribeiro Dias – SMEC-Ituiutaba – UNIPAC

Maria Vieira da Silva – UFU/GEPOC

AFRO-DESCENDENTES E EDUCAÇÃO: UMA LEITURA DE CULTURA E CURRÍCULO

ESCOLAR PELALENTE DOS ESTUDOS CULTURAIS

Eugenia Portela de Siqueira Marques– UCDB

NARRATIVAS SOBRE “COTAS” EM JORNAIS: O HÍBRIDO E O GROTESCO NOS

DISCURSOS DE RESISTÊNCIA FRENTE À PERSPECTIVA AFRODESCENDENTE DE

INTERCULTURALIDADE

Claudia Miranda – UERJ

TRAJETÓRIAS DE HOMENS NEGROS NO MAGISTÉRIO: EXPERIÊNCIAS NARRADAS.

Cláudia Regina de Paula – UFF

ZUMBI DOS PALMARES NA ESCOLA: MAIS DO QUE AVANÇO DA LUTA CONTRA O

RACISMO

Amauri Mendes Pereira– UCAM

RELAÇÕES RACIAIS NO COTIDIANO ESCOLAR: PERCEPÇÃO DE PROFESSORES
DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE ALUNOS NEGROS

Vilma Aparecida de Pinho – UFMT
(FAPEMAT)

NEGRO LIVRE NO FINAL DO BRASIL IMPÉRIO: CIDADANIA E EDUCAÇÃO NO
PROJETO NACIONAL DE ANDRÉ REBOUÇAS

Fabio Pinto Gonçalves dos Reis – USF

AS PESQUISAS SOBRE NEGRO E EDUCAÇÃO NO BRASIL: UMA ANÁLISE DE SUAS
CONCEPÇÕES E PROPOSTAS

Cristiane Maria Ribeiro – UFSCar
(CAPES – CNPq)

MOVIMENTO NEGRO, RAÇA E POLÍTICA EDUCACIONAL

Tatiane Cosentino Rodrigues
(Ação Educativa - Fundação Ford)

COR NA UFMT: PERFIL DE ALUNOS DE HISTÓRIA, ECONOMIA E DIREITO

Cássia Fabiane dos Santos – UFMT

A EDUCAÇÃO E AS RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA: MOTIVOS DA
INTOLERÂNCIA

Erisvaldo P. dos Santos – UNILESTE-MG

RACISMO DISCURSIVO NA MÍDIA: PESQUISAS BRASILEIRAS E MOVIMENTAÇÃO

SOCIAL

Paulo Vinicius Baptista da Silva – UFPR – PUC-SP (CAPES)

MULTICULTURALISMO, EDUCAÇÃO BRASILEIRA E FORMAÇÃO DE

PROFESSORES: VERDADE OU ILUSÃO?

Ahyas Siss – UFF – UNIVERSO

CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOS ALUNOS NEGROS E AFRO-DESCENDENTES:

ALGUNS ASPECTOS

Maria Elena Viana Souza– UNIRIO

COTAS NA UNIVERSIDADE PÚBLICA – DIREITO OU PRIVILÉGIO?

Geisa Magela Veloso– UFMG – Unimontes

ESCOLA PÚBLICA E O DIFÍCIL DIÁLOGO COM A INCLUSÃO

Maria Valéria Barbosa Veríssimo – UNES – USP

29ª (2006)

PERSONAGENS NEGROS E BRANCOS EM LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA

PORTUGUESA - Paulo Vinicius Baptista da Silva

LER E ESCREVER: HABILIDADES DE ESCRAVOS E FORROS? (COMARCA DO RIO

DAS MORTES, MINAS GERAIS, 1731-1850) - Christianni Cardoso Moraes

JOVENS NEGROS: TRAJETÓRIAS ESCOLARES, DESIGUALDADES E RACISMO -

Joana Célia dos Passos

PRÁTICA DO FAZER, PRÁTICA DO SABER: VIVÊNCIAS E APRENDIZAGENS COM
UMA INFÂNCIA RURAL NEGRA - Georgina Helena Lima Nunes

A IDENTIDADE NEGRA E O CURRÍCULO ESCOLAR: UM ESTUDO COMPARATIVO
ENTRE UMA ESCOLA DE PERIFERIA E UMA ESCOLA DE REMANESCENTES DE
QUILOMBOS - Eugenia Portela de Siqueira Marques

TRADUÇÃO, REGISTRO DE MEMÓRIA, ATUAÇÃO DO ARTISTA: INSTIGADORES DO
PENSAR QUE INVENTA O QUE QUER A POPULAÇÃO NEGRA BRASILEIRA: SER
IGUAL E DIFERENTE - Eneida Pereira dos Santos

EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: O DESAFIO DA FORMAÇÃO
DOCENTE - Luciane Ribeiro Dias Gonçalves

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE DIFERENTES POLÍTICAS DE AÇÃO AFIRMATIVA
PARA NEGROS, AFRODESCENDENTES E ALUNOS DE ESCOLAS PÚBLICAS NUMA
UNIVERSIDADE BRASILEIRA - Maria Suzana de Stefano Menin

O CAMPO DE POSSIBILIDADES NA TRAJETÓRIA DE ALUNOS NEGROS DO ENSINO
MÉDIO - Lori Hack de Jesus

COR/RAÇA NO CENSO ESCOLAR 2005: O QUE É SER PRETO, BRANCO, PARDO? -
Eliana Marques Ribeiro Cruz

OS PROFESSORES DE ARTE E A INCLUSÃO: O CASO DA LEI 10639/2003 – Maria
Cristina da Rosa

30ª (2007)

PRODUÇÃO E APROPRIAÇÃO DA MEMÓRIA DOS ESCRAVIZADOS NO BRASIL:

ESCOLA, MOVIMENTO NEGRO O 13 DE MAIO EM SOROCABA - 1930 - Fátima

Aparecida Silva

DESAFIANDO O PRECONCEITO RACIAL: A ESCOLA COMO ORGANIZAÇÃO

MULTICULTURAL - Michele Thereza dos Santos/

Ana Canen

SILÊNCIO E COR: RELAÇÕES RACIAIS E A FORMAÇÃO DE PROFESSORAS NO

ESTADO DO PARÁ (1970-1989) - Wilma de Nazaré Baía Coelho

“A HETEROGENEIDADE AGORA É A MARCA DA UNIVERSIDADE”.

REPRESENTAÇÕES DOS PROFESSORES DA FACULDADE DE DIREITO EM

RELAÇÃO AOS ALUNOS COTISTAS - Daniela Frida Drelich Valentim

JOVENS NEGROS, FUTEBOL, EDUCAÇÃO E RELAÇÕES RACIAIS: O PROJETO

ESPORTIVO DIGORESTE – CUIABÁ, MT - Walfredo Ferreira de Britto

“QUEM NÃO PODE ATALHAR, ARRODEIA!”: REFLEXÕES SOBRE O DESAFIO

DA PRÁXIS DOS EDUCADORES DOS AGENTES DA LEI 10.639/03 - Amauri

Mendes Pereira

Anexo 3 - Ficha de Caracterização da Unidade Escolar (Modelo)

Universidade Católica de Santos

Coordenadoria de Pós-Graduação *stricto sensu* e Pesquisa

MESTRADO EM EDUCAÇÃO

GRUPO DE PESQUISA SOBRE FORMAÇÃO DO EDUCADOR

PROJETO: *Currículo e Avaliação em Instituições Educacionais da Baixada Santista*

Coordenação: Profa. Dra. Nereide Saviani

FICHA PARA CARACTERIZAÇÃO DAS UNIDADES ESCOLARES

CÓDIGO DA ESCOLA: _____

INSTÂNCIA ADMINISTRATIVA

() Federal () Estadual () Municipal () Municipalizada () Particular

INFORMES FUNCIONAIS

	EI	EFI	EFII	EMG	EMP	EJA			
						FI	FII	M	MP
N.º de classes									

EI -Educação Infantil; **EFI**- Ensino Fundamental I (1ª à 5ª série) ; **EFII** Ensino Fundamental II (6ª à 9ª série); **EMG**- Ensino Médio Geral; **EMP**- Ensino Médio Profissionalizante; **EJA** – Educação de Jovens e Adultos (Fundamental I, Fundamental II, Médio e Médio Profissionalizante)

N.º de pavimentos: _____

Turnos de funcionamento: _____

EDIFÍCIO ESCOLAR

Quadra de esportes () Cozinha () Refeitório () Cantina ()

Merenda () Banheiros para alunos () Banheiros para funcionários () Laboratório de informática () Laboratório de Química () Laboratório de Física () Laboratório de Biologia () Anfiteatro () Secretaria () Sala da Coord. () Diretoria () Sala dos professores () Biblioteca (n.º de livros) () Sala de Leitura () Sala de vídeo () Sala de Internet () Outros espaços ()

A gestão das verbas e dos recursos:

APM – Conselho Deliberativo, Conselho Fiscal, Diretoria Executiva

Outro () Qual? _____

EQUIPE PEDAGÓGICA

	Quantos	Nível de formação	Área de formação
Diretor			
Vice-Diretor (assistente)			
Coordenador pedagógico			
Coordenador de área			

	3 ^a													
--	----------------	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

EJA -EM

Disciplinas														
Nº de prof.														
Séries	1 ^a													
	2 ^a													
	3 ^a													

ATIVIDADES DE ATUALIZAÇÃO PEDAGÓGICA

Semana de prova: () Sim () Não

Planejamento: () Sim () Não **Replanejamento:** () Sim () Não

Reuniões pedagógicas: () Sim () Não Quantas ao ano? _____

Reunião de Pais: () Sim () Não

As reuniões de HTPC semanais são organizadas:

Por área () por nível de ensino () por período ()

todos os professores () outro ()

Professores participam de cursos de capacitação?

() Maioria () Minoria () em torno de 50%

Quais os tipos de Cursos, nos dois últimos anos? Promovidos por quais órgãos / instituições?

PARTICIPAÇÃO DOS PAIS

nas reuniões: () Maioria () Minoria () em torno de 50%

na APM: () Maioria () Minoria () em torno de 50%

no Conselho Escolar: () Maioria () Minoria () em torno de 50%

SOBRE A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

Conselho de Classe / Série: mensal () bimestral () semestral ()

OUTRAS INFORMAÇÕES

A Escola trabalha com Educação Inclusiva? () Sim () Não

Em caso afirmativo, quais as especialidades?

Como tem se desenvolvido esse trabalho? (utilize o verso)

A Escola vem atendendo à Lei 11645/2008, que dispõe sobre o ensino da História e da Cultura Afro-brasileira e Indígena na Educação Básica? () Sim () Não

Em caso afirmativo, em quais séries e disciplinas?

Como tem se desenvolvido esse trabalho? (utilize o verso)

Projetos ou atividades diversificadas que a Escola desenvolveu / vem desenvolvendo.

Informações obtidas junto a (Membro/s da Equipe Gestora):

() Diretor/a () Assistente () Coordenador/a () Orientador/a ()

Outro/a

Local e data da Entrevista: _____, ____/____/____

Ass. do/a Entrevistador/a: _____

[Ficha elaborada pelo Grupo de Pesquisa sobre Formação do Educador – GRUFE – para o Projeto *Currículo e Avaliação em Instituições Educacionais da Baixada Santista*. Coordenação: Professora Doutora Nereide Saviani].

Anexo 4

Questionário (Modelo)

Este material é parte integrante da pesquisa de Antonio Cláudio Viana da Silva – Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica de Santos - que tem como objeto de pesquisa as percepções de estudantes de escola pública do ensino médio sobre o preconceito racial, a discriminação e o racismo no cotidiano escolar.

Instrução para o preenchimento:

- Na identificação: pode ser colocado apenas o primeiro nome ou um nome fictício.
- Esta é uma oportunidade para expressar sua opinião, faça isso com calma.

Questionário

Identificação: _____

Idade: ____ Sexo: ____ Cor: ____

Situação Familiar

Cidade de origem

Do pai: _____

Da mãe: _____

Cor

Do pai: _____

Da mãe: _____

Grau de escolaridade

Do pai: _____

Da mãe: _____

Ocupação (Profissão)

Do pai: _____

Da mãe: _____

Número de pessoas residentes na casa: _____

Renda familiar:

() até 1 salário mínimo

() de 1 salário mínimo a 3 salários mínimos

() de 3 a 5 salários mínimos

() mais de 5 salários mínimos

1 - No que diz respeito ao assunto, esse problema que é o preconceito racial, você se considera uma pessoa:

() Bem informada

() Mais ou menos informada

() Mal informada

2 - O que você entende por preconceito racial?

3 - Em sua opinião, o preconceito contra negros é um problema muito grave?

() Sim Por quê? _____

() Não Por quê? _____

4 - Você já observou alguém ser tratado de forma desigual pelo fato de não ser branco?

() Sim Quem tratou quem? _____

Em que situação? _____

() Não

5 - Na escola em que estuda, você observa situações de preconceito contra negros/as?

Sim Não

6 - Como esse preconceito racial se manifesta?

De professor em relação a alunos.

De alunos em relação a professor(es).

De alunos em relação a outros alunos.

Nos temas das matérias. Quais? _____

Nos livros didáticos. Quais? _____

Na atribuição de notas, correção de provas, etc.

7 - Na sua opinião, quem é a maior vítima do preconceito racial?

O Homem

A Mulher

Tanto o homem como a mulher

8 - Você acha que a escola tem um papel importante no sentido de estimular o debate sobre o preconceito racial?

Sim Não

9 - O preconceito racial contra negros tem sido debatido em alguma matéria?

() Sim Qual? _____

() Não

10 - Você considera o ensino sobre a história e a cultura afro-brasileira:

A - Muito importante

B - Importante

C - Pouco importante

11- A Lei 11.645/2008 torna obrigatório o ensino sobre história e cultura afro-brasileira no ensino básico. Você já ouviu alguém falar alguma coisa sobre essa Lei?

() Sim

() Não

12 – Na escola em que você estuda, a história e cultura afro-brasileira são ensinadas em alguma matéria?

() Sim Qual/quais? _____

() Não

13 – Na escola em que você estuda, a história e a cultura afro-brasileira:

() São tratadas em uma ou mais matérias. Qual/quais? _____

() São tratadas em festas e outras atividades. Qual/quais? _____

() Não são tratadas.

14. Você gostaria de participar da próxima etapa da pesquisa?

() Sim

() Não

Anexo 5

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (Modelo)



Universidade Católica de Santos

Coordenadoria de Pós-Graduação *stricto sensu* e Pesquisa

Termo de Consentimento Esclarecido

I – Dados de Identificação do Responsável

Nome: _____
R.G.: _____ Data de Nascimento: __/__/_____
Endereço: _____ nº _____ Complemento: _____ Bairro: _____
Cidade: _____ CEP: _____
Telefone: _____
Responsável pelo/a aluno/a: _____

II – Dados sobre a Pesquisa

A pesquisa tem como objeto investigar as percepções dos estudantes do ensino médio (escola pública) sobre o preconceito racial, a discriminação e o racismo no cotidiano escolar.

Pesquisador: Antonio Cláudio Viana da Silva – Mestrando em Educação na UNISANTOS

Solicitação

Solicitamos o consentimento para que o seu filho/a possa participar de um Grupo Focal em que discutiremos questões relacionadas ao nosso objeto de investigação. Informamos que o encontro será gravado e posteriormente transcrito e digitado.

Observação: Garantimos acesso às informações sobre o trabalho, inclusive para esclarecer eventuais dúvidas. Salvaguarda da confidencialidade, sigilo e privacidade.

Consentimento

Declaro que, após convenientemente esclarecido pelo pesquisador e ter entendido o que me foi explicado, consinto que meu filho/a participe do grupo focal

Santos, _____ de _____ de _____

Assinatura do Responsável

Anexo 6

Transcrição do Grupo Focal

Obs.: Os nomes dos estudantes são fictícios.

Mediador: Bom então vamos começar. Meu nome é Cláudio e estou fazendo uma pesquisa na Unisantos, na Universidade Católica de Santos e o tema da pesquisa é a questão do preconceito racial, mas na realidade o que eu quero saber é qual é a percepção de alunos de escola pública do 3º ano do Ensino Médio sobre esta questão. A questão está sendo colocada, as pessoas estão estudando isso em pesquisas inclusive por parte do governo, que mostram que a situação é grave..., e aí eu quero saber qual é o tipo de contribuição que vocês podem dar no momento. A idéia é a gente estar dividido em dois grupos, para uma questão até de organização, a gente tem um grupo grande, nós somos dezoito pessoas, então a gente tem que dividir e eu proponho que a fala primeiro seja das meninas e depois os meninos, os meninos prestando atenção no que elas estão falando e aí depois se manifestem, ... a gente tem o primeiro bloco a gente tem quinze minutos, vinte minutos e no próximo bloco vocês fazem o comentário de vocês também com o mesmo tempo que elas tiveram depois a gente pode fechar com outro bloco para as considerações finais. Tá bom assim?

Então vocês estão estudando aqui neste colégio, eu queria dizer para vocês que um dos motivos pelo qual o colégio foi escolhido é que esse colégio consegue sobressair, consegue se destacar de tal forma, sobre tudo pela interação que ele tem com a comunidade, com o entorno, com o que existe aqui, com o morro, não foi só por este motivo, mas este é um motivo importante. Ela é que é considerada uma boa escola. Então, a idéia é se o colégio é um bom colégio, vamos ver como este bom colégio está trabalhando com seus alunos a percepção deles em relação a este problema do preconceito, preconceito racial. E, aí eu quero saber a opinião de vocês, a questão como vocês percebem este problema, a questão do preconceito, do racismo, como é que vocês vêem, porque é assim... no questionário a

maioria colocou assim, quatorze, porque eu apliquei o questionário para quarenta alunos, quatorze disseram que são bem informados e vinte e cinco disseram que são mais ou menos informados sobre a questão do preconceito racial, né? e, também a maioria considera que o preconceito em relação aos negros é um problema grave, então queria que vocês pudessem aí falar alguma coisa. Quem quer começar? Pode ficar a vontade, é assim, aqui a gente não está com nenhuma expectativa que vocês falem isso ou aquilo, não há necessidade de colocar pontos de vistas específicos, falem o que vocês... É assim mesmo, tem que quebrar o gelo

Andréa: Eu particularmente acho que não é tão, digamos assim, tão radical como antigamente.

Janaína: Eu também

Érica: Eu não sei ... em relação a esse preconceito

Mediador: Certo. Que mais? Alguém pode falar. Por exemplo, na escola, muito de vocês se for o caso, eu perguntei como este preconceito interfere na escola, muitos colocaram que é de aluno em relação a aluno, vocês já disseram isso, já observaram isso, alguém tem alguma história para contar?

Thiane: Eu nunca vi isso, aqui na escola, não, Eu nunca senti nenhum tipo de preconceito racial, eu não sei como eu me sinto porque nunca vi ninguém. Eu acho que o preconceito racial, hoje em dia, é muito maquiado. Eu acho isso, na minha opinião.

Mediador: Maquiado? Vocês concordam com ela? Tem a pesquisa sobre a violência e nesta questão da violência, por exemplo, mortes por homicídios entre os homens, é mais comum entre os negros, então é uma forma de vocês perceberam que a coisa flui, acontece, mas assim, eu gostaria o saber de vocês, se vocês têm algum exemplo para dar... vocês por exemplo, falaram que fora da escola, muitos de vocês já presenciaram: a gente viu, eu vi uma pessoa destratando a outra, pelo fato de ser negro, chamando de negro, como vocês vêem esta situação

Isabela: Em hospitais se vê muito também, se vê muito isso. Porque um dia eu tava lá e chegou uma mulher, ela era bem escura e ela era a primeira. E, aí chegou uma outra toda

bem arrumada e tal, eles deram preferência para atender a outra, ela era branca, né, toda arrumada. Já a moreninha que estava na frente, ficou para depois, entendeu? Queira não eu considere um preconceito racial por ela ser daquela cor, eles deram menos importância para ela.

Mediador: Qual é o seu nome?

Isabela: Isabela.

Mediador: Isabela, mais alguma coisa?

Isabela: Não

A turma conversando muito baixo (difícil de detectar o que cada um fala)

Mediador: E, aí o que vocês acham?

Comentário da turma: alguma coisa em relação ao caráter da pessoa e não a cor da pele

Anita: sempre que acontece alguma coisa ruim, tem sempre alguém que fala, tinha que ser negro. Mas por quê?

Mediador: será que o negro é sempre relacionado a algo inferior?

Andréa: se agente for ver, quem morra na favela é negro, mas tem o caráter da pessoa, não é só a cor ...

Thiane: Eu acho que a discriminação relacionada ao que a Anita falou. O que ela falou, o negro era bicho na escravidão, uma sub-espécie. Eu acho que é isso. O negro é um lado ruim, o branco é o lado bom. É isso que falam, é o que a vizinha dela falou: Tinha que ser negro. Porque o negro era uma sub-espécie, uma sub-raça, na verdade, na escravidão.

Mediador: Então você acha essa visão do negro como uma coisa inferior, ela passou, acabou?

Thiane: Acho que não. Acho que um exemplo são as cotas nas universidades. Um exemplo disso são as cotas

Mediador: Como assim, explique por favor

Thiane: O negro é descendente, é afro descendente, ele tem direito a entrar na faculdade? A gente na? A gente estudou o mesmo que ele? Aí entra mais fácil? Por que isso? Eu não entendo

Mediador: Você concorda com a Andréa quando ela fala que as cotas não são tão interessantes assim?

Thiane: Eu acho que não.

Mediador: Certo. Agora, a gente falou de discriminação e a gente sabe que a gente pode discriminar alguém negativamente, certo? Então alguém pode chegar e falar assim: ela não vai ser atendida agora, vai ser atendida depois, aí coloca como a Isabela falou: a senhora chegou lá e deram preferência para outra pessoa, a negra ficou para depois. Isso é discriminar negativamente. Só que tem a outra forma que é discriminar positivamente. Positivamente, seria o exemplo das cotas. Você tem um passado, como você mesmo falou que o negro era considerado sub-raça e isso continua até hoje; Será que as cotas podem ser considerada uma discriminação positiva?

Anita: o negro não tem capacidade como o branco tem?

Mediador: Aí não seria importante a gente perceber que existe um movimento social que lutou, estudos que apontam isso como uma coisa interessante

Andréa: Pode até ser, mas (grupo falando em conjunto)...

Mediador: Fica uma imagem ruim

Andréa: É como eu falei. Eles estão tratando a gente como se não eles não tivessem capacidade de competir pelo mérito

Mediador: Mas esta questão do mérito, tinha um mestre de capoeira, chamado Mestre Pastinha, ele falava o seguinte: Só pode haver competição quando as pessoas são iguais. Quando as pessoas são diferentes não pode ter competição. Porque como comparar quando se tem uma diferença enorme... Então, eu fico pensando aqui quando vocês falam que

pegam um menino que mora lá na zona Noroeste, que tem uma família desestruturada, de repente pai negro, mãe negra e que não é desestruturada, os pais são negros, mas é uma família desestruturada, vocês sabem o que significa isso, o pai dele morreu, ficou só com a mãe, a mãe tem que trabalhar, ele estuda em escola pública e tem que trabalhar, será que esse menino não tem direito a uma oportunidade? Será que a cota não seria interessante para pessoas como ele? Que tem um histórico, uma trajetória difícil. Vocês ficam falando em mérito, eu fico pensando muito naquela questão individual, a gente tem uma cultura individualista, mas e o coletivo e as outras pessoas. Vocês pensaram nisso? Fazendo uma junção que vocês falaram que a cota seria uma forma de inferiorizar o negro, ela também não seria uma maneira de estar dando igualdade de oportunidade?

Anita: Tem branco que também está passando necessidade. Por que estas cotas dão prioridade aos negros?

Mediador: Ela está fazendo uma pergunta. Alguém pode responder a ela?

Isabela: Porque são negros e eles acham que os negros são inferiores, por isso é que dão prioridade para eles, porque é negro não tem estrutura, não tem estudo, não tem capacidade para trabalhar e conseguir e por isso digamos assim, vamos dar uma oportunidade para eles, para ver se assim eles conseguem crescer na vida, entendeu? Eu acho assim. Queira ou não é uma forma de discriminação.

Grupo discutindo que tanto os brancos como os negros poderiam usufruir das cotas

Anita: deveria haver cotas para os brancos também, porque tem brancos que não têm condições ...

Mediador: Eu acho interessante o que vocês estão colocando porque vocês estão terminando o ensino médio e vão ter que passar por uma fase que não é fácil, a prova do vestibular não é fácil e é aberto; vestibular é aberto para quem quiser. Por exemplo, você paga uma taxa vai lá e faz o vestibular. Só que a gente sabe que passar para as Universidades Públicas você tem que estudar pra caramba pra passar. É difícil, a concorrência é grande. E, aí eu coloco pra vocês, o percentual dos negros no ensino superior, nas universidades é muito pequeno. Aí eu pergunto para vocês: Isso acontece

porque o negro é inferior ou porque ele vive uma situação mais complicada, mais complexa em função daquilo que vocês falaram, do que vocês estão trazendo, dele já ter sido considerado sub-raça, em função da escravidão, em função daquilo que o Professor Ivanir dos Santos falou no vídeo que nos assistimos, quando houve a abolição, não houve nenhum projeto de inclusão do negro. Como é que vocês vêem isso? Só para dar uma polaridade.

Anita: Bem, eu acho que é assim. Ele se desvaloriza. Só pelo fato de serem negros, eles têm menos perspectiva pela vida. Só porque no passado era daquele jeito, eles acham que não precisam trabalhar do mesmo jeito, acham que trabalhar numa casa de família ...

Mediador: É isso?

Grupo: Há uma concordância

Mediador: Alguém quer falar mais alguma coisa? Pode passar então para os meninos? Então vamos lá. Vocês podem falar agora, só que vou pedir para cada um falar no seu tempo pra gente poder gravar e também seria interessante que vocês pegassem o que elas falaram, fazer alguns comentários, por favor. Quem quer começar?

Caetano: por onde começar, gente vai falar sobre o quê?

Mediador: Ouvimos as meninas falar das diversas situações, elas falaram sobre as cotas, sobre a situação do negro..... que até hoje a situação não melhorou muito e, eu gostaria de saber o que vocês acham disso.

Caetano: Que nem a questão das cotas, eu sou contra, também.

Mediador: Por quê?

Caetano: Porque a capacidade do cérebro do negro é a mesma que do branco (risada geral)
Não é verdade isso?

Mediador: É verdade

Caetano: E, por que o negro tem que ter uma cota? É obrigado entrar negro, acho que tinha que fazer um sistema que não pudesse ver a identidade da pessoa para quem for julgar se

vai entrar ou não, ah! Esse é negro, não quero. Tem que fazer uma coisa mais anônima, primeiro classificar as pessoas e depois ver quem são. Ah! Por exemplo. Não tem duas cotas. A pessoa vai e corrige as provas só olhando os nomes, não sei se colocam fotos ou não, uma coisa assim. Aí depois que visse o resultado, vê se a pessoa é negra ou não, mas aí ela já está dentro. Não pegar e discriminar ela antes do ...

Mediador: Mas aí eu vou fazer uma coisa, porque eu percebi que vocês estão muito conectados com esta questão das cotas. Mas, voltando para a questão do preconceito racial, da discriminação, se as cotas não resolvem, qual seria o encaminhamento que a gente faria. Por exemplo, a escola. Ela tem contribuído para questão do preconceito?

Joilson: vou te falar aqui no colégio nunca teve nada.

Caetano: Nunca vi também.

Mediador: A escola tem trabalhado, vocês apontaram no questionário que algumas disciplinas têm trabalhado, como é esse trabalho, como os professores trabalham?

Caetano: Agora vou te falar, aqui no colégio eu nunca vi

Mediador: Como a escola tem trabalhado, vocês falaram, como a escola tem contribuído, como é que é isso?

Joilson: falam mais do passado, da escravidão

Marcos: é no passado, do atual ...

Joilson: ... o negro se esconde na idéia de facilidade,...o negro tem que estudar mais, ele relaxa mais, deixou de brigar, vamos dizer assim, eu vejo o negro como pouco esforçado ... o Lula, ele era pobre , ele é branco, ele lutou. No caso de um negro se fizesse o mesmo tanto, estaria no mesmo lugar que ele ou até mais ...

(grupo falando ao fundo, bem baixo) ... falam mais do passado... agora relaxaram um pouco.....

Mediador: Mais alguém quer falar alguma coisa?

Caetano: Já falaram um monte de coisa

Caetano: Eu acho que hoje ainda existe, mas não igual antigamente, não. Só que uma coisa tipo mais bobo, né, porque que nem nas profissões é mais difícil ter, digo entre as comunidades, os amigos, essas coisas assim...

Mediador: Você fala que é mais bobo, como assim?

Caetano: É mais leve, não é tão rígido como era antigamente, negro não podia fazer tal coisa e pronto. Agora depende do lugar... não é todo lugar que barra a gente.

Mediador: Isso remete um pouco ao que ela falou, ela falou da maquiagem, é isso que você está falando?

Caetano: mais ou menos

Mediador: Como vocês estão pedindo, eu vou abrir uma exceção para as meninas falarem. Como é o seu nome?

Isabela: Eu queria falar assim que eu não concordo com que o Joílson falou. Ele falou que o Lula apesar de ser branco, ele falou que um negro poderia estar no lugar dele. Eu acho que não, porque o Lula ele pode ser branco, tudo, ele não tem ensino superior, se fosse um negro jamais colocariam um negro na presidência, sendo que ele não tem ensino superior, todo mundo ia cair matando em cima dele, entendeu? Como que vão colocar uma pessoa negra que não tem ensino superior sabe? já por o Lula ser branco, não houve assim tanto, não caíram em cima dele, por ele não ter o ensino superior, então eu acho que se fosse um negro no lugar do Lula, jamais teria conseguido a presidência.

Caetano: Não sei nem como o Lula conseguiu.

Isabela: Se fosse um negro esforçado teria conseguido também, acho que foi isso que você quis dizer.

Mediador : É só uma questão de ordem, olha só. A gente tinha combinado que cada grupo falaria de uma vez, certo, mas houve uma situação inesperada e que a gente pode mudar

eu quero ver se a gente desfaz a regra e abre um grupo geral, ou mantém a regra, deixa só os meninos falarem.

Caetano: assim, ta rendendo mais os dois.

Mediador: Então, por exemplo, vocês podem passar a palavra para as meninas?

Caetano: Não totalmente

Mediador: Como assim

Caetano: Quem quiser falar delas fala, mas quem quiser falar alguma coisa espera ela terminar de falar e fala, não esperar a rodada delas, acho que ficaria melhor.

Mediador: Ficaria melhor. Seria uma rodada ping-pong. Aí a gente teria que ter o cuidado de não falar ao mesmo tempo, porque eu já vi este filme antes. Começa, daqui a pouco, já viu ping-pong. ... Então vamos fazer isso. Quem estava falando, por favor.... É o Josivam

Joílson: E o Lula, ele batalhou pra ta onde ele ta, ele era pobre, ele trabalhou do jeito que ele trabalhou, ele fez a fama dele, conseguiu conquistar pessoas ali onde ele trabalhava e conseguiu mostrar que ele é capaz. Ele é capaz e conseguiu conquistar o cargo que ele está hoje. Se fosse negro teria que batalhar para ta do jeito que ta.

Taís: Se ele fosse negro, seria que ia mesmo?... Mesmo batalhando?

(ao fundo o grupo questionando sobre se fosse negro será que iria)

Mediador: O que vocês acham?

Isabela: A sociedade iria aceitar por ele ser negro? Eu acho que não.

Andréa: Eu acho que deveria ter uma reeducação a respeito de muitos valores, por exemplo, é essa parte da discriminação. Tem que haver uma mudança na mente das pessoas. Por que se ele fosse negro ele não poderia chegar lá? Por que essa pergunta? Só porque ele é negro? É como eles falaram mesmo cérebro, mesma capacidade.

Taís: Mas e as pessoas e a sociedade?

Mediador: Então essa questão do preconceito, discriminação, ela está disseminada na sociedade, teria que mudar isso através dos valores, de um processo de reeducação?

Andréa: Exatamente.

Mediador: É interessante esta questão que ele colocou que foi na questão central que é na questão do poder, porque a gente tem essa idéia que o Presidente da Republica tem o poder e, aí é interessante quando ela faz esta contraposição, se fosse um negro chegaria lá? Aí ele falou, mas todo mundo tem o mesmo cérebro, então eu vou fazer uma pergunta para vocês. Eu tinha um professor que falava assim pra mim: Cláudio você já parou pra pensar sobre a presença do negro nos principais espaços, grandes empresários... nas universidades, aonde o poder está, você vê a presença do negro?... E, vocês, o que vocês pensam?

Joílson: Eu creio que não existe um negro no poder, eles não estão batalhando pra ter o que eles querem, eles estão batalhando para ter o poder, eles querem o poder, mas não querem lutar pra ter, querem chegar lá de um meio mais rápido.

Anita: Mas aqueles outros, Por exemplo, o negro está batalhando, batalhando, será que ele tem a oportunidade? Será que eles podem chegar lá, onde eles querem, será que as pessoas vão deixar? Aí fica a pergunta!

Joílson: Nos Estados Unidos, quem é que está se elegendo a Presidência dos Estados Unidos? É um negro!

Caetano: E, olha o prestígio que ele tem.... , olha os atores nos Estados Unidos, o Will Smith, os caras que são todos grandão, os caras batalharam, meu. A sociedade lá é diferente.

Mediador: É aí que está. São situações, contextos diferentes... eu acho que a gente pode fazer a comparação, mas tem que ter essa noção... vocês querem falar sobre, podem falar também, fiquem a vontade, mas eu queria que vocês refletissem sobre toda consideração que ele fez sobre essa questão da presidência, o acesso do negro, porque o que ele fala às vezes quando o Joílson fala ele coloca um pouco da responsabilidade, do não acesso a determinados lugares muito em cima do próprio negro. Vocês concordam com isso?

Anita; Não

Mediador: Por quê?

Anita: Porque não é. Veja bem, os negros, vamos supor, estão tentando, mas e os brancos. Têm brancos vamos supor que, às vezes, eles não querem ver os negros onde os brancos estão, os negros querem chegar lá (risadas), mas o branco está impedindo, ele pode deixar, pode deixar, se ele não quiser deixar, e daí, a gente não tem oportunidade.

Joílson: Cargo, cargo público é poder, se ele conseguiu chegar num patamar mais alto que outro embaixo, ele tem o direito de ver quem ele vai deixar entrar e quem ele não vai deixar entrar, porque se ele conseguiu chegar aonde ele está antes do outro, porque ele chegou primeiro que o outro, agora se os dois tiverem que batalhar o mesmo cargo, aí sim existiria racismo porque se os dois batalhassem o mesmo tanto, conseguissem o mesmo tanto ... e um se destaca-se pela cor. Mas um batalhar mais que o outro, e aquele que conseguiu menos conseguir entrar num lugar por causa de uma cota, aí sim haveria racismo. Isso é desmerecer a pessoa que estudou mais, batalhou mais. Isso é jogar aquele tempo que ele estudou no lixo.

Mediador: E, aí vocês concordam?

Caetano: Seria um preconceito contra os brancos

Mediador: Porque é assim, olha bem... Dos quarenta que responderam o questionário, treze se declararam brancos, brancos e oito negros e dezoito pardos, então os pardos mais os negros são a maioria, então eu queria que vocês contestassem já que vocês assumiram essa posição de estar se declarando dessa forma que vocês respondessem, porque vocês tem conhecimento para isso. O que o Joílson fala tem uma perspectiva interessante, mas a gente pode pensar diferente dele, ou não. E, aí?

Thiane: Eu acho que isso é uma grande ironia o que o Joílson falou. Todo mundo estuda o mesmo tanto. Frente a Constituição a gente é o mesmo, certo? Mas, para o negro tem as tais cotas, que palhaçada é essa, eu não entendo isso, não consigo entender, todos são iguais, mas uns têm cotas, o que é isso? O que significa isso? Não dá para entender isso.

Mediador: Você concorda ou discorda dele?

Thiane: Não, eu concordo com ele. Tipo eu e José, a gente estuda o mesmo tanto, ele vai entrar mais fácil na faculdade por ele é negro? (risadas) Não lógico que não.

Mediador: Mas olha só, vocês perceberam que esta questão das cotas é bastante polêmica... na verdade a gente nem deveria falar de cotas, mas a gente deveria falar de ações afirmativas, que é uma outra história, mas que não cabe aqui. O que acontece, é que com tudo isso que a gente está conversando, a gente poderia ter aqui um indicativo, uma alternativa que inclusive a Andréa já deu, ela falou que acha que a questão é reeducar ela falou de valores. Pelo que eu estou vendo, vocês acham que o caminho é mais por aí...

Caetano: Certeza, tem que investir na juventude, porque que nem os idosos que são cabeça dura que já era racista na época deles não tem como mudar. Pra ele preto é preto não tem como mudar. Agora quem sabe, quem tá crescendo agora, está sendo educado agora com certeza tem uma chance de tirar isso da cabeça, essa barreira.

Andréa: Pegar o pessoal que está formando sua opinião agora, porque a base de tudo é na educação, o cara só vai chegar lá se mudar.

Caetano: Porque não tem como uma pessoa nascer racista biologicamente, ela se torna a partir do que ela convive, do que ela aprende dentro de casa. Ela não nasce destinada a ser racista, não existe

Mediador: Então pegando o que você Caetano está falando e que a Andréa está falando posso concluir o seguinte que a educação tem um papel importantíssimo.

Caetano: Com certeza

Andréa: Fundamental

Mediador: E alguém poderia me dar agora, finalmente, um encaminhamento de como a coisa está sendo trabalhada aqui no colégio...

Caetano: Não é muito tocado no assunto porque eu acho que já tocaram, já estudamos sobre isso, acho que por eles verem que aqui não tem muito disso, eles não investem tanto. Não

que seja matéria, mas tem aquele papo que a professora , às vezes, conversa sobre racismo, essas coisas assim, comenta sobre isso.

Mediador: E, aí todo mundo concorda com ele... Então é tocado, mas é assim meio...

Caetano: Não é prioridade

Anita: raramente

(grupo comentando sobre não ser prioridade)

Jovivan: Vou dar uma hipótese, você é bom para ser goleiro (risadas) bom para ser atacante (não entendi)

Mediador: Agora estou pensando uma coisa, vocês estão me deixando confuso. Porque ela falou assim, Andréa falou assim, a educação é importante, é fundamental e o Caetano também concordou, e outros concordaram, só que aí eu fico pensando, se a educação é importante o colégio não está trabalhando. Aí, vocês falam, que aqui não tem este problema, mas o problema está na sociedade. Então a escola educa vocês só para este espaço que vocês estão ou a escola educa vocês, prepara vocês, o futuro de vocês para encarar a vida lá fora, para a sociedade. E, este problema é um problema social, como é que vocês vêem isso?

Isabela: Na escola é onde a gente vai formar a base da criança e do adolescente. Se na escola ele é acostumado a ter um convívio com negros, com diversas pessoas diferentes, obviamente ele vai levar isso por toda sua vida. Então na sociedade, ele vai fazer o quê, ele vai se comportar igual ao que ele se comportava na escola, porque essa foi a base dele. Então, aquilo ele vai levar para toda sua vida, independente de onde ele esteja aquilo vai estar sempre com ele. A minha base é esta, conviver com diversas pessoas diferentes, então lá fora vai ser igual. Não é porque eu vou chegar na faculdade, ah... eu sou negra, vou ficar distante daqueles, ou então eu sou branca não vou ficar perto dos negros. Porque na escola eu aprendi a conviver com todo mundo junto. Então, na faculdade eu não trabalho, na empresa... vai ser a mesma coisa, entendeu? E, aqui nesta escola não acontece isso de discriminação, todo mundo aprende a conviver junto. Então, por isso é que este assunto não é tão principal porque a nossa base já está formada, entendeu? Nós já aprendemos a

conviver com pessoas diferentes. Então, por isso eles não dão muita prioridade para este assunto porque os professores vê que não é tão necessário porque a base já está formada.

Mediador: Bom, agora eu vou provocar

Caetano: Eu ia falar isso

Mediador: sabe por quê? Essa colocação foi muito importante, gostei de tudo, só que é assim... o fato de não estar presente não quer dizer que o problema não exista, não significa que ele não existe. E, aí, eu fico aqui pensando se é assim do jeito que você está falando mesmo, porque... tem a diversidade, as pessoas diferentes, mas vocês apontaram no questionário que os alunos têm preconceitos um em relação ao outro, de quarenta, vinte e duas pessoas falaram isso que possível observar no cotidiano, que na escola uns alunos implicam com os outros, então eu fico pensando, será que, por exemplo, o Governo Federal tenha tido a preocupação em sancionar uma Lei tornando obrigatório o ensino da história e da cultura afro brasileira, será que isso não deveria ser absorvido por todas as escolas no Brasil, desenvolvidos projetos, digamos assim, melhorar isso que você falou, será que não seria o contrário, investir mais , ter essa preocupação, esse cuidado, o que vocês acham?

Caetano: Nos alunos menores, sim. Já tem que começar desde a infância da criança, colocar isso na cabeça dela para não ter esta separação de raça.

Mediador: E com os maiores?

Caetano: Acho, como eu falei, com os idosos não tem mais jeito, cabeça dura, aí vai ter que acabar a geração deles para começar uma nova fase, isso é verdade, porque na nossa geração já está acabando a questão do racismo, daqui para frente, quem começar agora vai ficar cada vez mais distante o preconceito... Eu acho que com o tempo vai acabar sumindo isto aí

mediador: Concordam com o Caetano?

Anita: ... passar do preconceito racial prao preconceito

Caetano: Eu não concordo com isso

(parece ser sido levantado algo em relação ao preconceito sexual x racial)

Anita: Agora você tocou no ponto certo

Caetano: Vai começar o assunto sexual e vai fugir do foco (risadas do grupo)

Mediador: Vocês falaram que a questão do preconceito racial é debatido em algumas matérias. Quando o professor fala sobre isso como ele aborda a matéria. Alguém falou: está muito voltado para a questão do passado, mas falta o presente. Como é que o prof. tem trabalhado nisso? O prof. de História, quando ele vai tocar neste tema, como vocês tinham falado que ele não trabalha muito em frequência, como é que ele faz isso?

Caetano: Na verdade acho que ele nem começou, porque....

Mediador: A gente já vai acabar, estamos próximo do final... Eu dei um exemplo de um professor meu, então como o professor de vocês trabalha?

(conversa ao fundo entre alunos)

Mediador: Então, quer dizer que os professores trabalham com dados mais relacionados ao passado.

Marcos: À História.

Mediador: Certo, isso foi muito importante. Isso dá uma idéia porque vocês estão respondendo dessa forma.

Caetano: Um comentário ou outro da atualidade, sempre aparece, mas de estudo assim a fundo, só de antigamente.

Mediador: Certo, e vocês têm mais uma consideração pra gente fazer, até sobre o fato da gente estar aqui, agora conversando sobre isso, acrescentou alguma coisa para vocês, não está diretamente relacionado, mas a gente estava discutindo o preconceito, a discriminação racial e vocês acham que de repente o problema já está meio que próximo do fim, é isso?

Andréa: Tá encaminhado.

Caetano: Não totalmente. Com o passar dos anos, acho que isso vai acabar.

Mediador: E, aí voltando a questão da escola.

Caetano: Acho que o governo tinha que fazer alguma Lei, alguma proposta para os professores educarem as crianças, uma matéria diretamente, para começar a educar, a formar a cabeça da criança, já. E, se for só para aprender na rua, capaz que alguém ...

Mediador: E, vocês aí, meninas...

(comentário de fundo, muito baixo)

Mediador: Bom, gente é meio-dia...

Mediador: Inclusive aquelas pessoas que não se manifestaram, podem fazer isso agora. É livre. sabe? Vamos começar pela Andréa. Fala Andréa.

Andréa: Eu acho que a solução é reeducar mesmo. Porque tudo, a base é a educação, não só na escola, em casa, com a família, amigos e a escola tem que complementar, entendeu? é isso.

Anita: Eu concordo com ela. A gente começa formar a opinião na família. Se a gente tem uma família que já é daquele jeito, que é racista, a tendência é ser racista. A escola só vai mudar.

Thaís: Eu concordo completamente com ela, mas a base é mesmo a família, a criança vai se espelhar nos pais e dependendo dos pais como eles forem, provavelmente, a criança vai ser igual. A escola ajuda, mas a base verdadeira é a família.

Jofilson: Se pensar que a família tenha resistência para mudança, se pensarmos que... no caso para mim seria que a escola tem sim, tem que ter um dos papéis mais importantes, se não o primeiro, o segundo mais importante. Isso porque nós vamos crescer no centro da família, tem que ter base pra tudo. Porque se na escola não tiver isso, vamos crescer com esse preconceito, vamos passar o preconceito para nossos filhos e aí sucessivamente.

Mediador: Legal, gente. Eu agradeço a colaboração de vocês, a participação, eu achei muito produtivo... Obrigado!